

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**INFLUÊNCIA DO PROCESSO DE REALOJAMENTO NA  
PERCEPÇÃO DE SENTIDO DE COMUNIDADE E APOIO  
SOCIAL PERCEBIDO**

**Ana Margarida Lopo Carapinha**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**  
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/  
Núcleo de Psicologia Sistémica)

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**INFLUÊNCIA DO PROCESSO DE REALOJAMENTO NA  
PERCEÇÃO DE SENTIDO DE COMUNIDADE E  
APOIO SOCIAL PERCEBIDO**

**Ana Margarida Lopo Carapinha**

**Tese orientada pelo Professor Doutor Wolfgang Rüdiger Lind**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA  
(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/  
Núcleo de Psicologia Sistémica)**

2010

## **Agradecimentos**

Ao Professor Doutor Wolfgang Lind, pela orientação, mas também pelo apoio, a confiança, o incentivo e as sugestões que foram essenciais para a construção deste trabalho. Agradeço igualmente a disponibilidade e a atenção dada em todos os momentos, e o facto de me ajudar a estabelecer metas importantes para os meus objectivos.

A todas as técnicas do Programa K´CIDADE da Alta de Lisboa, pelo apoio que me deram na procura da amostra, pelas sugestões e partilha de ideias e, igualmente, pela disponibilidade e preocupação constante com o meu trabalho. Particularmente à Carla Calado, pela ajuda, os ensinamentos, o acompanhamento e a partilha ao longo deste ano; à Ana Isabel Bandeira, pelos conselhos e sugestões recheadas de conhecimentos e experiências; e à Sara Samssudin, pela simpática partilha ao nível da literatura e pela disponibilidade constante para me ajudar.

Ao Luís Frota e Marco Freitas pela disponibilidade e colaboração na mobilização dos participantes e recolha dos dados. Agradeço igualmente a ambos a partilha das vivências e realidades da comunidade, que me motivaram durante este trabalho.

Às colegas de Mestrado, pelo apoio e pelas trocas de sugestões, de ideias e de literatura, durante as reuniões de supervisão, e a todos os professores e colegas do núcleo de Psicologia Clínica Sistémica pelas ajudas, partilhas e trocas de conhecimentos.

Aos amigos da Faculdade, minhas *mongas* e *mongos* especiais, com quem partilhei, para além deste ano de trabalho, tantos momentos, aprendizagens, alegrias e gargalhadas, ao longo dos anos de Faculdade. Desde as conversas de bar, às aulas, jantares e festas, foram presenças essenciais para o meu desenvolvimento e para a conclusão deste percurso. Agradeço particularmente à Marta e à Catarina pelo apoio incondicional sempre, nesta e noutras etapas que fizeram parte dos últimos anos da minha vida. Agradeço igualmente à Mariana, pela presença e partilha em tudo, pela motivação constante, pela confiança, pelo carinho e amizade tão especial, e ainda pela revisão desta dissertação.

Às amigas e amigos alentejanos, que apesar de distantes fisicamente sempre me apoiaram e acompanharam com palavras de incentivo e motivação. Particularmente à Cláudia e Leonor, amigas de sempre, pelo apoio, carinho e pelo privilégio de uma amizade que prevalece em todos os momentos.

Aos meus pais e irmão, Nuno, que me acompanharam e apoiaram ao longo deste caminho, por terem contribuído com a sua força e motivação, para o finalizar, e pela confiança depositada em mim.

Ao António, pela presença fundamental neste percurso, e em tantos outros, pelo carinho e apoio incansável, pelos abraços e palavras reconfortantes em momentos de dúvida e frustração, pela alegria partilhada nos sucessos, pela paciência e atenção com que sempre me ouviu.

A todos os que fizeram parte, directa ou indirectamente, desta etapa tão importante para mim, dedico esta dissertação com todo o carinho.

## Resumo

A presente investigação teve como objectivo analisar o impacto do processo de realojamento na *Percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido*. A amostra utilizada foi constituída por 104 participantes adultos residentes na Alta de Lisboa e anteriormente residentes nos bairros abrangidos pelo Plano Especial de Realojamento. A percepção de sentido de comunidade foi medida através da *Escala Breve de Sentido de Comunidade* (EBCS; *Brief Sense of Community Scale* de Peterson, Speer & McMillan, 2008; versão adaptada por Marante, no prelo) e o apoio social percebido foi avaliado pela *Escala de Provisões Sociais* (SSP; *Scale of Social Provisions* de Cutrona & Russel, 1987; versão adaptada por Moreira & Canaipa, 2007). Avaliaram-se as variáveis antes do realojamento, retrospectivamente, através de uma adaptação das escalas, bem como posterior ao realojamento, relativamente à actualidade. Os resultados indicam que a *Percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido* diferem significativamente antes e depois do realojamento, sendo mais elevados na primeira situação. A análise dos resultados permitiu, também, verificar que existe uma relação positiva e significativa entre as duas variáveis em estudo, bem como correlações entre o *Apoio Social Percebido* e as variáveis *Idade*, *Escolaridade*, *Número de Filhos* e *Participação em Actividades do Bairro*.

**Palavras-chave:** *Realojamento, Sentido de Comunidade, Apoio Social*

## Abstract

### The influence of the process of relocation in the Perception of Sense of Community and Perceived Social Support

The aim of the present investigation is to analyze the impact of the process of relocation in the *Perception of Sense of Community* and *Perceived Social Support*. The chosen sample was constituted by 104 adults that live in Alta de Lisboa, and that were former residents of the neighbourhoods covered by the Special Plan of Relocation. The perception of sense of community was measured through the *Brief Sense of Community Scale* (EBSC; Peterson, Speer & McMillan, 2008; adapted by Marante, in press) and perceived social support was assessed through the *Scale of Social Provisions* (SSP; Cutrona & Russel, 1987; adapted by Moreira & Canaipa, 2007). The variables were assessed before the relocation process, retrospectively, by adapting the scales, and also after it, regarding the present time. The results indicated that the *Perception of Sense of Community* and *Perceived Social Support* differ significantly before and after the relocation, being higher in the former. The analysis also allowed observing a positive correlation between the two variables, as well as correlations between *Perceived Social Support* and the variables *Age*, *Schooling*, *Number of Children* and *Participation in Neighbourhood Activities*.

**Keywords:** *Relocation, Sense of Community, Social Support*

## Índice Geral

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I - Enquadramento Teórico .....</b>	<b>3</b>
1. 1. Realojamento .....	3
1.1.1.Aspectos Processuais do Realojamento .....	3
1.1.2. O Plano Especial de Realojamento – PER .....	5
1.1.3. Realojamento, Satisfação Residencial e Identidade Local .....	6
1.1.4. Realojamento e (Re) Construção de Identidades .....	6
1.2. Sentido Psicológico de Comunidade .....	7
1.2.1. Conceito de Comunidade .....	8
1.2.2.Conceito de Sentido de Comunidade .....	9
1.2.1.1. O Modelo de Sentido Psicológico de Comunidade de McMillan e Chavis .....	9
1.2.4. Relações entre Sentido Psicológico de Comunidade e outras variáveis .....	11
1.3. Apoio Social .....	12
1.3.1. Apoio Social Percebido .....	12
1.3.2. Componentes e Fontes de Apoio Social .....	14
1.3.3. Características Individuais e Apoio Social .....	15
<b>Capítulo II – Metodologia .....</b>	<b>17</b>
2.1. Objectivos e Questões de Investigação .....	17
2.2. Selecção da Amostra .....	17
2.3. Caracterização da Amostra de Participantes .....	18
2.4. Instrumentos .....	22
2.5. Procedimento de Recolha da Amostra .....	29
<b>Capítulo III - Resultados .....</b>	<b>30</b>
3.1. Escala Breve de Sentido de Comunidade .....	30
3.2. Escala de Provisões Sociais .....	32
3.3. Relação entre Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido .....	35
3.4. Relação entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido .....	35
<b>Capítulo IV - Discussão e Conclusões .....</b>	<b>38</b>
5.1. Integração e discussão dos resultados empíricos .....	38
5.2. Limitações do Estudo .....	42
5.3. Propostas e Implicações Práticas .....	43
<b>Bibliografia .....</b>	<b>45</b>
<b>Anexos</b>	

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 2.3.1</b> Distribuição pelo número de elementos do agregado familiar (N=101) .....	19
---	----

## Índice de Quadros

<b>Quadro 2.3.2</b> Grupos Profissionais .....	20
<b>Quadro 2.3.3</b> Distribuição pelos Bairros de Residência Anterior .....	21
<b>Quadro 2.4.1</b> Precisão por <i>alfa</i> de <i>Cronbach</i> BSCS e EBSC .....	25
<b>Quadro 3.1.1</b> <i>Alfas</i> de <i>Cronbach</i> , Médias e Desvio-Padrão EBSC .....	30
<b>Quadro 3.1.2</b> Resultados <i>t-test</i> Amostras Emparelhadas EBSC .....	31
<b>Quadro 3.1.3</b> Resultados <i>t-test</i> Amostras Emparelhadas EBSC – Dimensões .....	31
<b>Quadro 3.1.4</b> Resultados de Correlações Amostras Emparelhadas EBSC – Dimensões .....	32
<b>Quadro 3.2.1</b> <i>Alfas</i> de <i>Cronbach</i> , Médias e Desvio-Padrão EPS .....	33
<b>Quadro 3.2.2</b> Resultados <i>t-test</i> Amostras emparelhadas EPS .....	33
<b>Quadro 3.2.3</b> Resultados <i>t-test</i> Amostras Emparelhadas EPS – Dimensões .....	34
<b>Quadro 3.3.1</b> Resultados de Correlações de <i>Pearson</i> entre EBSC e EPS .....	35
<b>Quadro 3.4.1</b> Resultados de Correlações de <i>Pearson</i> entre EPS e Variáveis Sociodemográficas .....	36



## Introdução

No final dos anos noventa, o Alto do Lumiar, na periferia norte da cidade de Lisboa, constituía a maior concentração de barracas e outros alojamentos precários da cidade. Musgueira Norte e Musgueira Sul, Quinta Grande, Bairro da Cruz Vermelha, Galinheiras, Quinta da Pailepa e Quinta do Louro eram alguns dos principais bairros que se encontravam nesta situação e que fizeram parte do Plano de Urbanização do Alto do Lumiar, um projecto de renovação e expansão urbana desta área da cidade. A população destes bairros passou então por um processo de realojamento que decorreu de 1997 a 2007, maioritariamente entre 2000 e 2001. Nasce assim o novo bairro da Alta de Lisboa, com uma população muito heterogénea, com origens geográficas, étnicas e culturais muito diversificadas.

Passaram-se vários anos desde esta mudança habitacional vivida pela população. Perante este cenário de um bairro erguido a partir de um realojamento que ocorreu há alguns anos, onde predomina uma grande diversidade e multiculturalidade, podem surgir questões relativas ao impacto que este processo teve na população e nos seus modos de vida, nomeadamente ao nível de conceitos da Psicologia Comunitária como o Sentido de Comunidade e Apoio Social. Haverá diferenças significativas entre a *Percepção de Sentido de Comunidade* e de *Apoio Social Percebido*, antes e depois do realojamento? Haverá relação entre estas duas variáveis? São as principais questões que surgem e que se pretendem investigar.

O Sentido de Comunidade é, precisamente, um conceito que surgiu por Sarason (1974), com a finalidade de representar o ponto de ligação entre os indivíduos e grupos sociais alargados (Sánchez-Vidal, 1991), como a comunidade. McMillan e Chavis (1986) definem Sentido Psicológico de Comunidade mais tarde, ao elaborar uma teoria baseada nos pressupostos teóricos de Sarason, como um “...sentimento de pertença que os membros possuem, de que se preocupam uns com os outros e com o grupo, e uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pelo compromisso de permanecerem juntos” (p. 9). Sendo um conceito importante para uma vivência em comunidade, surge como pertinente avaliá-lo num contexto em que houve um processo de realojamento, e que como tal, levou os indivíduos a grandes mudanças a nível estrutural, funcional e relacional. Neste sentido, surge também como motivo de interesse analisar o apoio social que os indivíduos percebem como disponível, e assim, se pretende também estudar o Apoio Social Percebido e possíveis alterações ao nível desta variável, nas situações antes e depois do realojamento.

O apoio social é frequentemente definido como “a existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós” (Sarason, Levine, Basham e Sarason, 1983, p. 127). O Apoio Social Percebido privilegia, assim, a percepção que os indivíduos desenvolvem de que são estimados, que os outros se interessam por eles, que estão disponíveis quando precisam e, por outro lado, a satisfação com as relações que têm (Lakey & Cassady, 1990), e esta satisfação é uma dimensão cognitiva com um importante papel na redução do mal-estar físico e psicológico (Sarason et al., 1983) essencial para que uma população que viveu uma mudança de grande impacto possa restabelecer o equilíbrio.

É neste contexto e perante o emergir destas questões que nasce a motivação para a presente investigação, bem como o interesse e a vontade de compreender melhor alguns factores envolvidos neste processo. Os conceitos de Sentido de Comunidade e Apoio Social têm assumido um papel central e essencial no âmbito da Psicologia Comunitária e a sua investigação é importante para actualizar e aprimorar a intervenção comunitária.

Enquadrando os conceitos na presente investigação, colocou-se, como objectivo central desta investigação, analisar a influência do processo de realojamento na *Percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido*. Para tal avaliaram-se as variáveis antes do realojamento, retrospectivamente, através de uma adaptação das escalas, bem como posterior ao realojamento, relativamente à actualidade. Desta forma, esta investigação foi realizada numa tentativa de esclarecer a influência do realojamento nas variáveis referidas de forma a recolher dados que, futuramente, possam apoiar a realização de processos de realojamento melhorados, bem como o aperfeiçoamento das intervenções comunitárias nesta área.

A estrutura do trabalho é composta por quatro partes principais. A primeira diz respeito ao enquadramento teórico que apresenta uma breve revisão de literatura sobre os conceitos de Realojamento, Sentido de Comunidade, Apoio Social, e relação entre estes conceitos, de modo a contextualizar as questões de investigação que se colocam. A segunda parte refere-se à metodologia, onde se explica a selecção da amostra, se apresenta a amostra de participantes, os instrumentos utilizados e o procedimento de recolha dos dados. Segue-se a terceira parte, onde se apresentam os resultados obtidos, assim como as análises estatísticas utilizadas. Por último, na parte das discussões e conclusões, integram-se e discutem-se os resultados e reflecte-se sobre as principais conclusões. Nesta parte são ainda abordadas as limitações do estudo, propostas para futuras investigações e implicações práticas.

## Capítulo I - Enquadramento Teórico

Neste capítulo pretende-se enquadrar e salientar a literatura mais relevante e pertinente relativa aos conceitos de *Realojamento*, *Sentido Psicológico de Comunidade* e *Apoio Social Percebido* para a compreensão do presente estudo.

### 1. 1. Realojamento

*“Os chamados Bairros Sociais” (Augusto, 2002)*

Realojamento é um conceito muito repetido pela sociedade nos últimos anos, no entanto, como relembra Freitas (1995), a palavra realojamento não existe no dicionário da língua portuguesa. Existe apenas o “vocábulo *realojar* que pode significar *alojar de novo* e tem estado quase sempre associado à necessidade de atribuir alojamento a famílias que carecem de condições habitacionais mínimas, a famílias vitimadas por catástrofes, a famílias residentes em áreas a desafectar em sequência de obras públicas ou ainda a programas de eliminação sistemática de barracas e à distribuição de fogos pelos seus habitantes” (p. 3).

O realojamento apresenta-se como um processo de reestruturação da vida quotidiana e de todo um conjunto de práticas ligadas ao meio de residência dos indivíduos, ao nível das relações de vizinhança, dos locais de compras, de lazer, de desporto, dos transportes, do trajecto casa - trabalho, às quais está subjacente a passagem para um novo quadro de vida e uma adaptação a esse novo quadro (Cardoso, 1993).

Assim, a vivência de um realojamento como modificação das condições residenciais no sentido de uma melhoria significativa destas, leva frequentemente à interrupção do vínculo dos indivíduos com o seu ambiente socio-físico. Isto provoca um corte no estado de equilíbrio dos indivíduos que requer um processo de transição e readaptação mais ou menos moroso (Almeida & Castro, 2002). Esta readaptação vai depender também de como é conduzido todo o processo de realojamento, sendo que, por vezes, é esquecido que o processo deve contemplar as identidades socioculturais, os modelos de habitação diferenciadamente interiorizados, as redes de relações pré-existentes, os laços de sociabilidade criados, os projectos e estratégias de vida (Rodrigues, 1989 citado por Cardoso & Perista, 1994), e toma-se “o todo pela parte” (Cachado, 2009, pág.17).

#### 1.1.1. Aspectos Processuais do Realojamento

Apesar de, o objectivo principal do realojamento ser resolver os problemas das más condições de habitabilidade, este processo não se tem revelado suficiente no combate à pobreza e

à exclusão social. O modo como se têm realizado merece alguns questionamentos por parte dos autores que se têm dedicado ao estudo deste tema (Freitas, 1995; Augusto, 2002; Cardoso & Perista, 1994; Cachado, 2009; Guerra, 1994, 1997; Pinto, 1994) e têm identificado o contributo das novas urbanizações para o acentuar de desigualdades sociais e fomento de segregação social (Freitas, 1995).

Uma das questões que surge neste âmbito, referida por Cardoso & Perista (1994), prende-se com o facto de que a grande maioria dos realojamentos tem conduzido à manutenção de grandes agrupamentos de famílias pobres, mantendo a concentração de problemas sociais, o que dificulta a integração social envolvente por parte das populações que neles reside. Esta segregação é bastante visível no tipo de alojamento que lhes é destinado, normalmente de pouca qualidade e fácil degradação, assim como na localização destes, que tende a ser periférica e a estarem relativamente isolados do contexto urbano envolvente (e.g. Cardoso & Perista, 1994; Freitas, 1995; Augusto, 2002)

As críticas que se têm vindo a realçar ao longo da construção de bairros de realojamento dizem sobretudo respeito aos modelos urbanísticos de habitação que têm vindo a ser induzidos, e que Ferreira (1994, citado por Freitas, 1995) sistematiza como sendo: aridez e uniformidade da arquitectura; uso de materiais desvalorizados; escassez ou ausência de espaços públicos e de equipamentos; ausência de arranjo dos espaços exteriores; ocupação sem conclusão das infra-estruturas; ausência ou deficiências de transportes públicos; localização em zonas periféricas, estigmatizadas e segregadas do restante tecido urbano. A autora refere ainda que estes factores têm impactos negativos que se manifestam nos processos de identificação e apropriação dos espaços por parte daqueles que neles residem e nos seus processos de promoção social.

Como já evidenciado, a atribuição de um alojamento, particularmente em edifício colectivo de habitação a famílias residentes nas áreas degradadas da cidade, não é a solução fundamental e suficiente para assegurar a adaptação a um novo quotidiano e a satisfação residencial. Partilhando desta visão, Guerra (1994) refere que, erradamente, se têm criado programas de realojamento como se todo o problema fosse financeiro e urbanístico, realçando uma perspectiva excessivamente funcionalista, onde tem sido atribuído um papel passivo e expectante às populações alvo, ignorando aspectos como história e vivências anteriores, como se as pessoas se tratassem de “simples coisas que se ponham em gavetas” como refere com a expressão que dá título ao número 20 da revista *Sociedade e Território*.

Verifica-se, nos estudos com população realojada, que a maior parte não sente que tenha escolhido morar no bairro onde reside e esta dependência de alguém para satisfazer uma necessidade de alojamento, bem como, ausência de sentimentos de pertença face ao novo local

de residência, poderiam ser atenuadas se as populações fossem, mais frequentemente, chamadas a participar, e se essa participação se traduzisse na forma de realojar (Cardoso & Perista, 1994). O realojamento em si não resulta necessariamente em consequências negativas, mas existem outras variáveis que podem ter um papel importante no processo, como fraco poder de escolha das condições de residência ou a pouca congruência com as expectativas da população realojada (Stokols & Shumaker, 1982 citados por Bernardo & Palma, 2005). Investigações no âmbito do sentido psicológico de comunidade têm evidenciado que baixos níveis no grau de escolha que um membro de uma comunidade tem ao tornar-se membro (ou seja, na escolha de pertencer) está associado a baixos níveis de identificação social com o local habitacional e com o sentido psicológico de comunidade (Obst & White, 2007).

### **1.1.2. O Plano Especial de Realojamento – PER**

Devido ao aumento dos bairros de barracas em tamanho e número de habitantes na área metropolitana de Lisboa aquando das migrações dos países africanos ex-colonizados por Portugal, procurou-se fazer uma aplicação prática de realojamentos criando o Plano Espacial de Realojamento (PER). Este plano englobava três ideias essenciais: erradicação das barracas; envolvimento dos municípios de forma vinculada no processo; e potenciar uma mudança no estilo de vida associado aos bairros degradados (Cachado, 2009). Após a aprovação do PER surgiram muitas críticas e avisos à sua aplicação prática por parte da comunidade científica (e.g. Guerra, 1994). Mas a aplicação deste plano de realojamento ignorou estes avisos e resultou num processo que reflecte algumas das críticas já mencionadas anteriormente. Evidenciaram-se ainda algumas dificuldades contextuais como poucos terrenos para os realojamentos e poucos técnicos especializados nas autarquias, com pouco conhecimentos sobre a realidade social das populações, sobre a variedade cultural, as necessidades específicas, a diversidade de estruturas familiares, entre outras características identitárias (Cachado, 2009).

Foi necessário activar, por parte de autarquias e estado, programas específicos para colmatar algumas dificuldades do PER e minorar a segregação, através de associações e de projectos em prol da integração social das populações (Cachado, 2009). Com o decorrer dos anos, o PER foi sofrendo alterações, que ainda estão longe de ser as condições ideais: alguns realojamentos mais recentes já ultrapassaram algumas lacunas anteriores, sendo dotados de mais infra-estruturas, espaços públicos, equipamentos, maior preocupação com espaços exteriores, localização menos periférica, arquitectura menos estigmatizadora, maior preocupação em manter relações de vizinhança, entre outros aspectos (e.g. Plano Urbanístico da Alta de Lisboa). Para o melhoramento da integração social destas populações têm contribuído bastante os

programas criados para este efeito e o trabalho de associações e projectos com estas populações. No entanto, a readaptação a novos modos de vida, como já foi mencionado, é um processo de transição que pode ser um pouco moroso.

### **1.1.3 Realojamento, Satisfação Residencial e Identidade Local**

O modo como os indivíduos experienciam o processo de realojamento, a satisfação e a identidade com o novo local de residência difere de indivíduo para indivíduo (Gans, 1962, citado por Almeida & Castro, 2002). Tendo em conta que o espaço residencial evidencia-se como importante para a satisfação das necessidades biológicas, psicológicas, sociais, mas também, para o processo de identidade (Proshansky, Fabian & Kaminoff, 1983), fenómenos como o realojamento, que implicam uma mudança de residência, afectam, por um lado, a satisfação experienciada face ao novo quadro residencial, e por outro, a cultura, valores, crenças, atitudes, normas e rituais que constituem a identidade e que são inerentes a cada indivíduo (Bonnes & Sechiaroli, 1995 citados por Almeida & Castro, 2002) Assim, uma acção de realojamento pode implicar quer uma ameaça, quer um ganho para a identidade, dependendo de cada indivíduo e do grau de satisfação com o novo cenário residencial.

Alguns estudos mostraram também relações da satisfação residencial com outras variáveis como, características e aparência do bairro, tempo de residência no bairro e na casa, com os vizinhos e o estabelecimento de relações sociais (Schumaker & Taylor, 1983 citado por Almeida & Castro, 2002) assim como com idade, sexo, classe social e número de filhos (Fernandez & Kulik, 1981; Hesser, 1982 citados por Almeida & Castro, 2002). Outros estudos evidenciam uma satisfação com a casa, com as condições gerais residenciais e com os vizinhos, contrariamente à avaliação do bairro, que revela níveis mais negativos e insatisfatórios (Almeida & Castro, 2002).

Prezza & Constantini (1998) evidenciaram uma estreita relação entre a satisfação residencial e a vinculação ao espaço habitacional. Quando se verifica uma vinculação com o espaço habitacional, também se verifica maior satisfação com as redes sociais estabelecidas. Pelo contrário, quando a identificação é baixa, as relações mais importantes são ao nível familiar, nos espaços interiores, casa e edifício.

### **1.1.4 Realojamento e (Re) Construção de Identidades**

De acordo com Augusto (2002), o conceito de bairro, em si, encerra uma carga simbólica que o identifica com um espaço que é caracterizado pelas suas sociabilidades e pela separação e distinção em relação a outros espaços. O bairro, como identidade colectiva, faz parte de todo um

complexo de relações imaginárias do homem com o espaço que percorre (Almeida, 1994, citado por Augusto, 2002). O novo espaço, aquando do processo de realojamento, condiciona e modifica as identidades e obriga à sua reformulação. O conjunto de representações recriadas do novo espaço depende da forma como o indivíduo o apropria, e esta apropriação depende de como o avalia. Se a avaliação que faz do bairro for negativa, demonstrando níveis de satisfação baixos em relação a este, não se identifica com o espaço e refugia-se nas relações familiares e no alojamento (Augusto, 2002), como já havia sido referido por Prezza e Constantini (1998).

Assim, a identidade dos indivíduos com o espaço e mesmo entre si, depende de três factores essenciais: os seus percursos individuais; a sua homogeneidade social, económica e cultural e a assimilação e avaliação que fazem do seu espaço social, que inclui igualmente a assimilação ou não das avaliações externas (Augusto, 2002). Importa realçar que, é importante ter em conta a evolução temporal do processo de realojamento, numa visão da avaliação e apropriação do espaço, e não ter apenas em conta as reacções imediatas ao processo (Augusto, 2002).

Considera-se ainda que uma apropriação positiva é indispensável para o equilíbrio psicológico, familiar e social (Guerra, 1997). Os conceitos de apropriação, enraizamento e identidade referenciam a ideia de que as pessoas investem significados e afectos nos lugares com que se relacionam. Desta forma, uma apropriação positiva significa controlar o espaço, investir significados, afectos, ter sentido de pertença (Guerra, 1997). Neste sentido, também a casa funciona como elo de ligação com os outros, com os lugares e com o passado, e, assim, o espaço insere-se num percurso pessoal, fazendo parte de uma história de vida (Guerra, 1997), o que faz com que uma readaptação a uma casa nova, num espaço habitacional novo, cause um grande impacto no indivíduo que é realojado.

Prezza e Constantini (1998) introduzem o sentido de comunidade como uma importante variável, uma vez que encoraja um sentido de identificação com o local, maior auto-confiança e facilitação nas relações sociais, perdidos ou diminuídos muitas vezes aquando do processo de realojamento. Assim, a recuperação e reconstrução do sentido psicológico de comunidade constitui-se como objectivo central da intervenção comunitária (Sarason, 1974 citado por Sánchez-Vidal, 1991).

## **1.2. Sentido Psicológico de Comunidade**

O Sentido Psicológico de Comunidade é um conceito central e dominante do campo da Psicologia Comunitária, que surgiu por Sarason (1974), com a finalidade de representar o ponto

de ligação entre os indivíduos e grupos sociais alargados (Sánchez-Vidal, 1991), como a comunidade. Sarason (1974) define Sentido Psicológico de Comunidade como “a percepção de similaridade com os outros, uma reconhecida interdependência com os outros, uma vontade em manter essa interdependência dando ou fazendo pelos outros o que esperamos que nos façam a nós, o sentimento de que somos parte de uma grande e estável estrutura da qual podemos depender” (p. 157). O autor refere também que a perda de laços na comunidade contribui para sentimentos de solidão, alienação, sofrimento psicológico e para estilos de vida emocionalmente destrutivos. A partir da formulação de Sarason este constructo tornou-se amplamente estudado no âmbito da Psicologia Comunitária (Sánchez-Vidal, 1991), mas também investigado sob o olhar de diversas perspectivas, como a sociologia, desenvolvimento comunitário, ciências políticas, ambiente (Chavis, Hogge, McMillan & Wanderman, 1986, citados por Chipuer & Pretty, 1999).

### **1.2.1 Conceito de Comunidade**

Comunidade é um conceito ambíguo que é usado de muitas formas diferentes. Etzioni (1996, citado por Doherty & Beaton, 2000, p.151) define da seguinte forma: “Comunidade é definida por duas características: a primeira, uma teia de relações carregadas de afectos entre grupos de indivíduos, relações que frequentemente se cruzam e se reforçam... a segunda, uma medida de compromisso na partilha de valores, normas e significados, uma história e identidade partilhada – em suma, uma cultura particular”. Mas, comunidade pode simplesmente ser vista como um local de pessoas com determinado tipo de elementos partilhados, os quais podem variar dependendo da situação, como viver num lugar particular, ou de algum tipo de interesse ou crença. Assim, é possível pertencer a múltiplas comunidades em simultâneo, o bairro de residência, o local de trabalho ou grupos baseados em interesses (Obst & White, 2007). Alguns autores referem também que os indivíduos podem ter uma forte ligação com várias comunidades (Brodsky & Marx, 2001; Royal & Rossi, 1996 citados por Obst & White, 2007).

O conceito de comunidade, definido por Gusfield (1975, citado por McMillan & Chavis, 1986), distingue duas perspectivas, mas notando que não são mutuamente exclusivas: uma perspectiva geográfica e outra relacional. A perspectiva geográfica e territorial de comunidade diz respeito a uma comunidade que pode ter fronteiras geográficas, sendo definida pelo sujeito pelos seus limites em termos de espaço (bairro, aldeia, cidade...). A perspectiva relacional/de interesse está relacionada com a “qualidade das características da relação humana, sem referência ao lugar” (p. 16). Os vários sistemas que o indivíduo integra no seu dia-a-dia e que encara como a sua comunidade (profissional, religiosa, escolar...). Na realidade estes conceitos



estão intimamente ligados, revelando-se difícil alcançar uma definição não ambígua. Mas, como já foi referido, é possível, os indivíduos pertencerem e identificarem-se com múltiplas comunidades. Baseados nas suas teorias, Sarason (1974) e McMillan e Chavis (1986) concordam que o Sentido Psicológico de Comunidade se aplica a todo o tipo de comunidades.

### 1.2.2 O Conceito de Sentido de Comunidade

A primeira teoria de Sentido Psicológico de Comunidade foi desenvolvida por McMillan e Chavis (1986) que ainda é a mais aceite. Os autores definem Sentido Psicológico de Comunidade como um “...sentimento de pertença que os membros possuem, de que se preocupam uns com os outros e com o grupo, e uma fé partilhada de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pelo compromisso de permanecerem juntos” (p. 9).

Apesar da formulação original de McMillan e Chavis contemplar tanto o sentido de comunidade relacional como o geográfico, os instrumentos de avaliação desenvolvidos dirigiram-se essencialmente para a dimensão geográfica. O modelo proposto por estes autores teve grande influência na construção de instrumentos de avaliação, por ser amplo e abarcar a conceptualização territorial e geográfica de comunidade (Chipuer & Pretty, 1999).

#### 1.2.2.1 O Modelo de Sentido Psicológico de Comunidade de McMillan e Chavis

A teoria delineada por McMillan e Chavis (1986) propôs que o Sentido Psicológico de Comunidade é um conceito multidimensional composto por quatro elementos: *Estatuto de Membro (Membership)*, *Ligações Emocionais Partilhadas (Shared Emotional Connection)*, *Influência (Influence)* e *Integração e Satisfação de Necessidades (Integration and Fulfillment of Needs)*.

O *Estatuto de Membro* diz respeito ao “sentimento de pertença ou de partilhar um relacionamento pessoal” (p. 9). Esta dimensão é constituída por cinco atributos que contribuem para perceber quem faz parte da comunidade e quem não faz. Os atributos designam-se por: fronteiras, segurança emocional, sentimento de pertença e identificação, investimento pessoal e sistema de símbolos comuns. A pertença a um grupo define-se através de limites e critérios de quem está *in* ou *out* no grupo, o que proporciona às pessoas incluídas no grupo, sentimentos de identificação com as outras pessoas do grupo, que têm características semelhantes (McMillan & Chavis, 1986).

A dimensão de *Ligações Emocionais* partilhadas refere-se ao sentimento de intimidade resultante do “compromisso e crença de que os membros partilharam e irão partilhar história, lugares comuns, tempo juntos, e experiências similares” (p. 9). Esta dimensão é baseada, em

parte, pela partilha da história, não necessariamente uma história comum, mas uma história na qual se identifiquem e que integrem na sua história pessoal. A interacção na partilha de eventos pode facilitar ou inibir a força da comunidade. São sete os atributos que caracterizam esta dimensão: hipótese de contacto, qualidade da interacção, proximidade de eventos, partilha de eventos, investimento na relação, efeito de honra e humilhação nos membros e laços espirituais (McMillan & Chavis, 1986).

A *Influência* é descrita como o “sentimento de fazer a diferença para o grupo e de o grupo ser importante para os seus membros” (p. 9). A dimensão da influência é um conceito bidireccional representado por sentimentos de capacidade de afectação mútua: influência do indivíduo no grupo e do grupo no indivíduo. Verifica-se que a conformidade dos indivíduos no grupo serve como força de proximidade, bem como indicador de coesão do grupo (McMillan & Chavis, 1986).

Na dimensão *Integração e Satisfação das Necessidades*, descrita como o “sentimento de que as necessidades dos membros serão satisfeitas pelos recursos recebidos pelo seu estatuto de membro no grupo” (p. 9), destaca-se o conceito de reforço e enunciam-se três ideias importantes. Uma delas é que o reforço e a satisfação de necessidades são essenciais para uma comunidade forte. Alguns dos reforços que se apresentam como eficazes são o estatuto de membro, o sucesso da comunidade e competência ou capacidades de outros membros. Por último, a ideia da partilha de valores como fonte de necessidade. Os valores individuais são partilhados entre os membros da comunidade que vão determinar a habilidade da comunidade para organizar e priorizar actividades de satisfação de necessidades (McMillan & Chavis, 1986).

Em suma, estas dimensões interagem dinamicamente para criar um Sentido de Comunidade e, desta forma, pessoas com elevado Sentido Psicológico de Comunidade podem ser descritas segundo Davidson e Cotter (1989) por: terem sentimento de pertença; acreditarem que podem exercer controlo sobre o grupo e também serem influenciados pelo grupo; acreditarem que as suas necessidades podem ser e serão satisfeitas pelas capacidades colectivas do grupo; partilharem uma história com o grupo e os seus elementos; e sentirem uma forte ligação emocional e investimento com o grupo.

A operacionalização do modelo e consequente construção de um instrumento de avaliação deve-se a McMillan e Chavis (1986) e Chavis, Hogge, McMillan e Wanderman (1986, citados por Chipuer & Pretty, 1999) que desenvolveram o *Índice de Sentido de Comunidade*. No entanto, este instrumento foi criticado por vários autores por não ser indicado para medir um constructo multidimensional. Têm sido vários os avanços teóricos e metodológicos (ver Chavis & Pretty, 1999) que se têm registado ao longo do tempo no sentido de definir e quantificar o

Sentido Psicológico de Comunidade, com investigações que exploram níveis de sentido de comunidade individuais e de grupo (para uma revisão ver Chavis & Pretty, 1999; Tartaglia, 2006; Peterson, Speer & McMillan, 2008; Prezza, Pacilli, Barbaranelli & Zampatti, 2009). Um exemplo é a escala que é utilizada neste estudo: A *Escala Breve de Sentido de Comunidade*. Trata-se de uma escala que fornece suporte empírico para compreender o modelo multidimensional de Sentido de Comunidade proposto por McMillan e Chavis (1986).

### **1.2.3. Relações entre Sentido Psicológico de Comunidade e outras variáveis**

Têm sido vários os estudos que pretendem testar a relação entre Sentido Psicológico de Comunidade e outras variáveis. Existem estudos, por exemplo, que demonstram que um forte Sentido Psicológico de Comunidade melhora o sentimento individual de bem-estar, em termos de aumento da felicidade, diminuição da preocupação, e aumento da auto-eficácia (Davidson & Cotter, 1989), ou seja, a habilidade para usar os recursos da comunidade (Glynn, 1981, citado por McMillan & Chavis, 1986).

Um estudo muito interessante de Obst e White (2007), e muito pertinente no sentido do realojamento, diz respeito ao grau de escolha que um membro de um grupo da comunidade tem ao tornar-se membro (escolha de pertença). Os resultados indicam que o grau de escolha está associado a altos níveis de identificação social e Sentido Psicológico de Comunidade. Coerentes com estas conclusões são também os resultados de Prochansky et al. (1983) e Pudifoot, (1995, citado por Chavis & Pretty, 1999) que indicam que diferenças nos níveis de Sentido Psicológico de Comunidade num bairro podem ser compreendidas em termos do grau com o qual os residentes têm uma identidade e ligação ao lugar.

Verificam-se também algumas evidências de que o Sentido Psicológico de Comunidade é mais elevado em residentes de bairros com uso variado do espaço (casas, lojas, parques, escolas) do que em bairros com *single-use* (apenas casas). É também mais elevado em residentes casados e casais com crianças. O Sentido Psicológico de Comunidade apresenta-se também relacionado com o número de vizinhos que se conhecem pelo nome (Nasar & Julian, 1995).

Realce também para a caracterização de Sentido Psicológico de Comunidade como catalisador de participação cívica e justiça comunitária (Chavis & Wandersman, 1990 citados por Chavis & Pretty, 1999), e desta forma, como um conceito-chave para a intervenção comunitária.

Por último, num estudo muito recente de Prezza, Paccili, Barbaranelli e Zampatti (2009), em que é validada uma nova escala, *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale* (MTSOCS), emergiram relações entre o Sentido Psicológico de Comunidade e várias variáveis como a participação em grupos e associações, a cohabitação, a satisfação com a vida, a confiança

no poder local e o apoio social percebido. Verificou-se que o Sentido Psicológico de Comunidade estava positivamente correlacionado com o apoio social percebido de três fontes particulares: amigos, família e outras pessoas significativas.

### **1.3 Apoio Social**

O conceito de apoio social pode ser considerado como uma característica abstracta das pessoas, dos comportamentos, das relações e dos sistemas sociais. A grande diversidade evidente neste conceito deve-se à existência de diferentes tipos de apoio (como por exemplo, emocional e instrumental) e diferentes fontes (como por exemplo, família, amigos, parceiro) (Veiel & Baumann, 1992). A investigação no âmbito do apoio social é muito vasta e indiscutivelmente, muito importante. Esta investigação tanto se refere a aspectos objectivos do apoio social, tais como, número de amigos, frequência de contactos, intensidade de contactos, existência ou não de amigos íntimos, de redes sociais, como a aspectos subjectivos tais como a percepção que o indivíduo tem da sua adequação e da satisfação com a dimensão social da sua vida (Pais-Ribeiro, 1999). Durante várias décadas não existiu consenso em relação à definição de apoio social, mas actualmente, parece ser consensual que o apoio social deve ser compreendido como uma experiência pessoal, sendo reconhecida a importância da intensidade com que o indivíduo se sente desejado, respeitado e envolvido, e não como um conjunto objectivo de interações e trocas.

A literatura utiliza normalmente a definição de apoio social de Sarason, Levine, Basham e Sarason (1983) que define o conceito como “a existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam connosco, nos valorizam e gostam de nós” (p. 127). A evidência de que a qualidade e quantidade de relações com outras pessoas moderam respostas ao *stress* e influenciam a saúde e o ajustamento tem estimulado pesquisas de apoio social (Saranson, Saranson & Shearin, 1986). Cobb (1976, citado por Wills & Shinar, 2000) baseia a sua formulação na proposição de que o apoio social ajuda as pessoas a lidar com a crise e a mudança e postula que os efeitos deste apoio são baseados na informação que leva o sujeito a três sentimentos possíveis: o sentimento de ser amado e cuidado; o sentimento de ser estimado e valorizado; e, por último, o sentimento de pertencer a uma rede recíproca.

#### **1.3.1. Apoio Social Percebido**

Independentemente da forma como é conceptualizado, o apoio social distingue duas formas diferentes do uso do conceito: Apoio Social Percebido e Apoio Social Recebido (Cramer,

Henderson & Scott, 1997 citados por Pais-Ribeiro, 1999). O primeiro pretende designar o apoio social que o indivíduo percebe como disponível se precisar dele, e o segundo descreve o suporte social que foi realmente fornecido por outros (Cohen & Willis, 1985; Heller, Swidle & Dusenbury, 1986; Winemiller, Mitchell, Sutliff & Cline, 1993). Outra distinção é entre apoio social descrito versus apoio social avaliado, o primeiro referindo-se à presença de um tipo particular de comportamento de apoio e o segundo a uma avaliação de que esse comportamento de apoio é percebido como sendo satisfatório ou que serviu de ajuda (Pais-Ribeiro, 1999). A satisfação com o apoio social pode influenciar factores como a auto-estima, o sentimento de controlo perante o ambiente e o optimismo (Sarason et al., 1983).

O Apoio Social Percebido privilegia a percepção que os indivíduos desenvolvem e a crença de que são estimados, que os outros se interessam por eles, que estão disponíveis quando precisam e, por outro lado, a satisfação com as relações que têm (Lakey & Cassady, 1990). A percepção corresponde, na maioria das vezes, à realidade, ou seja, a uma avaliação objectiva do apoio social recebido. Em situações em que há divergência, o importante para o indivíduo é a sua percepção (Vaux, 1988). Desta forma, será o Apoio Social Percebido que será analisado neste estudo, uma vez que interessa a percepção do indivíduo.

Diversos modelos foram elaborados para a conceptualização do apoio social variando na composição dos seus elementos e consequente compreensão, contudo, o modelo que abrange mais elementos das diversas conceptualizações é o proposto por Weiss (1974, citado por Cutrona e Russel, 1987). De forma a operacionalizar a concepção de apoio social proposta pelo autor e obter um suporte empírico para este modelo, Cutrona e Russel (1987) desenvolveram a *Social Provisions Scale*, que foi mais tarde adaptada para uma versão portuguesa por Moreira e Canaipa (2007) – a *Escala de Provisões Sociais* – adoptada neste estudo para avaliar a percepção acerca do Apoio Social Percebido dos participantes da amostra avaliada neste estudo. Esta escala é descrita mais detalhadamente no capítulo relativo à metodologia.

Existem vários estudos que sugerem a existência de uma relação entre Apoio Social Percebido e uma variedade de variáveis. Silva, et al. (2003) citam alguns destes estudos que incluem uma relação com: a saúde, adaptação psicológica, percepção de bem-estar (Emmons & Colby, 1995; Pierce, Sarason, & Sarason, 1992), redução do mal-estar (Sarason, Sarason, Potter, & Antoni, 1985), satisfação com a vida (Sarason et al., 1983), longevidade e mortalidade (Nishimoto, Mediansky, Mantell, & Hamovitch, 1992; Hanson, Isacson, Janzon, & Lindell, 1989), queixas somáticas (Ganster, Fusilier, & Mayes, 1986), resistência a doenças (Cohen, 1988) e protecção para indivíduos em risco de subseqüentes perturbações mentais (Kessler et al., 1985; Ornelas, 1996). A investigação refere a existência de uma forte relação entre o apoio social

e a saúde, sugerindo que o apoio social tem efeitos mediadores na protecção da saúde e desempenha um papel protector ao longo de todo o ciclo vital (Pais-Ribeiro, 1999).

Existe uma vasta literatura que evidencia o efeito preditivo do Apoio Social Percebido na saúde e no bem-estar (Turner, 1992; Vaux, 1988). Assim como, um efeito preditivo da eficácia de estratégias de *coping*, e consequentemente, de bem-estar físico e psicológico, importante para a protecção perante efeitos adversos de *stress* na saúde psicológica (Cohen & Wills, 1985). Deste modo, pessoas com elevado Apoio Social Percebido experienciam mais eventos positivos e desejáveis nas suas vidas, têm mais auto-estima e uma visão mais optimista da vida, do que pessoas com baixo apoio social.

Assim, a satisfação com o Apoio Social Percebido como disponível é uma dimensão cognitiva com um importante papel na redução do mal-estar físico e psicológico (Sarason et al., 1983). A literatura defende também que este se relaciona positivamente com a adaptação do indivíduo às mudanças (Antunes & Fontaine, 1995), o que é bastante pertinente no âmbito do presente estudo em que se avalia o apoio social em indivíduos que vivenciaram um processo de realojamento. Os autores também defendem a ideia de que o apoio social, das várias fontes ou grupos de socialização, pode variar com o tempo (Antunes & Fontaine, 2005).

### **1.3.2. Componentes e Fontes de Apoio Social**

A literatura é consensual quanto ao facto do apoio social ser um conceito multidimensional e o seu impacto diferir nos indivíduos ou grupos. Dunst e Trivette (1990) sugerem a existência de cinco componentes de apoio social interligados: componente constitucional (necessidades e congruência entre estas e o apoio existente), componente relacional (estatuto familiar, estatuto profissional, tamanho da rede social, participação em organizações sociais), componente funcional (apoio disponível, apoio emocional, informacional, instrumental, material, qualidade de suporte tal como o desejo de apoiar, e a quantidade de apoio), componente estrutural (proximidade física, frequência de contactos, proximidade psicológica, nível da relação, reciprocidade e consistência), e componente satisfação (utilidade e ajuda fornecida).

Considera-se que fonte de apoio social se refere à identificação do relacionamento estabelecido com o provedor de apoio (Winemiller et al., 1993). Alguns autores distinguem duas fontes de apoio social: informal e formal. As primeiras incluem, simultaneamente, os indivíduos (como familiares, amigos, vizinhos, padre, etc.) e os grupos sociais de que o indivíduo é membro (como por exemplo clubes, igreja, etc.), que são passíveis de fornecer apoio nas actividades do quotidiano em resposta a acontecimentos do ciclo de vida normativo e não-normativo. As redes de

apoio social formal englobam tanto as organizações sociais formais (como por exemplo, centros de saúde, hospitais e programas governamentais) como os profissionais (como por exemplo, médicos, assistentes sociais e psicólogos) que estão organizados para fornecer assistência ou ajuda às pessoas necessitadas (Dunst & Trivette, 1990). Estas fontes de apoio têm um impacto diferente consoante o grupo etário, o estágio de desenvolvimento e as necessidades actuais das pessoas (Cramer, 2006). A título de exemplo, no estudo de Prezza e Pacilli (2002) o efeito da idade no Apoio Social Percebido emergiu claramente. O apoio social dos amigos decresce gradualmente com a idade e é particularmente alto em jovens até aos 25 anos, ou seja, os mais jovens percebem mais apoio social dos amigos e de outras pessoas significativas e esta percepção de diminuição do apoio social confirma que as pessoas mais velhas têm frequentemente lacunas nas relações de suporte e menos necessidade de redes sociais. No entanto, o apoio social percebido da família não varia com a idade.

### **1.3.3. Características Individuais e Apoio Social**

Muitos autores no âmbito das teorias da personalidade têm procurado aprofundar as relações entre características individuais e Apoio Social Percebido. Estas apresentam um papel particularmente importante na avaliação da disponibilidade e satisfação com os tipos de apoio social (Weiss, 1974; Russel, Booth, Reed & Laughlin, 1997 citados por Moreira & Canaipa, 2007). Moreira e Canaipa (2007) citam vários autores que apontam para a existência de correlações positivas entre dimensões de extroversão e apoio social (Cutrona & Russel, 1987). A extroversão parece influenciar o desenvolvimento da rede social do indivíduo, bem como a capacidade de manter essas relações e percepcioná-las como disponíveis. Isto é coerente com a maior facilidade que estes indivíduos possuem para estabelecerem relações, expressarem ideias e sentimentos e suscitarem respostas positivas por parte dos outros (Russell, Booth, Reed & Laughlin, 1997, citados por Moreira & Canaipa, 2007). Outras características pessoais, já referidas anteriormente, como o optimismo e a satisfação com a vida, também demonstraram ter efeitos sobre o desenvolvimento das redes sociais e a satisfação com o apoio percebido. Por exemplo, Brissete, Scheier & Carver (2002, citados por Moreira & Canaipa, 2007), num estudo levado a cabo com estudantes universitários, verificaram que os mais optimistas estão mais satisfeitos com o apoio social recebido e apresentam uma rede social mais alargada.

Outros estudos ainda evidenciam uma relação entre o Apoio Social Percebido e a prevenção de estados emocionais negativos, assim como a relação entre o apoio e a promoção de estados emocionais positivos. Por último, realce para evidências de que são os indivíduos que

relatam uma maior percepção de apoio social a revelar também uma avaliação global mais positiva da sua vida (Moreira & Canaipa, 2007).

Após o enquadramento dos conceitos mais pertinentes para a compreensão do presente estudo somos conduzidos para o objectivo central deste: averiguar a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* e de *Apoio Social Percebido*, antes e depois de concretizado um processo de realojamento, verificando se diferem significativamente entre os dois momentos.



## Capítulo II – Metodologia

Neste capítulo, relativo à metodologia adoptada no presente estudo, será enunciado o objectivo geral e as respectivas questões de investigação colocadas. Seguidamente apresentar-se-á a selecção e a caracterização da amostra. Serão apresentados, de forma breve, os instrumentos utilizados para a recolha dos dados, e por último, será descrito o procedimento de recolha de dados.

### 2.1. Objectivo e Questões de Investigação

A presente investigação tem como objectivo central analisar a influência do processo de realojamento na *Percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido*. Pretende-se verificar se as variáveis diferem significativamente antes e depois do realojamento.

Desta forma, parte-se da questão inicial: Qual a influência do processo de realojamento na *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade e Apoio Social Percebido*? E procura-se, assim, dar resposta às seguintes questões de investigação:

Questão de Investigação 1: Haverá diferenças significativas na *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* nas situações anterior e posterior ao realojamento?

Questão de Investigação 2: Haverá diferenças significativas no *Apoio Social Percebido* anterior e posterior ao realojamento?

Questão de Investigação 3: Haverá relação significativa entre a *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido* nos dois momentos temporais?

Questão de Investigação 4: Haverá relações significativas entre as *variáveis Sentido Psicológico de Comunidade e Apoio Social Percebido* e Variáveis Sociodemográficas?

### 2.2. Selecção da Amostra

Para atingir o objectivo central deste estudo e dar resposta às questões de investigação propostas, seleccionou-se uma amostra de residentes que vivenciaram o processo de realojamento e que são actualmente moradores da Alta de Lisboa. Foram escolhidos os moradores da Alta de Lisboa, pelo facto da aplicadora estar a desenvolver estágio neste local, existindo uma maior facilidade em recolher um número de questionários passíveis de serem avaliados. Também pelo facto de ser um território muito grande, com uma grande heterogeneidade a vários níveis (e.g. cultura e crenças), e por abranger pessoas de vários bairros antigos, e assim, obter uma amostra mais representativa.

A metodologia adoptada teve em consideração algumas condições de aplicação dos questionários que vão de acordo com aquilo que são os objectivos do estudo. Assim, para participarem os indivíduos tinham que obedecer aos seguintes critérios: ter idade igual ou superior a 18 anos, pois as escalas são mais adequadas à avaliação de adultos; viverem actualmente nas habitações atribuídas através do Plano Especial de Realojamento da Alta de Lisboa; e terem vivido nos antigos bairros que o Plano Especial de Realojamentos abrangeu. Ou seja, é essencial para a participação no estudo os indivíduos terem experienciado os dois modos de habitação, o passado, nos bairros antigos e o actual, no novo bairro.

Em cada aplicação, depois da apresentação e da explicação do âmbito do estudo, foi pedido a cada indivíduo o consentimento para a sua participação. Após o seu consentimento, eram-lhes colocadas questões do questionário de dados pessoais (Anexo I) e as escalas que avaliam as variáveis em estudo (Anexo II e III), estas em duas versões: uma relativa à actualidade do bairro (Anexo II.a e III.a) e outra relativa ao passado (Anexo II.b e III.b), como seguidamente será descrito no ponto dos instrumentos utilizados, e pela ordem em que foram apresentados aos participantes. Este conjunto de aplicação deveria ser respondido, preferencialmente, por auto-relato dos participantes, no entanto, como a amostra é caracterizada por baixos níveis de escolaridade e de literacia, foi sempre sugerido aos participantes que caso considerassem necessário poderiam ser auxiliados na leitura e preenchimento das questões. Por este motivo, o esclarecimento geral sobre o estudo foi maioritariamente oral.

### **2.3. Caracterização da Amostra de Participantes**

A amostra de dados obtida através dos questionários anteriormente referidos é constituída por 104 participantes. Os dados recolhidos integram indivíduos que residem na Alta de Lisboa e que são provenientes dos vários bairros que foram abrangidos pelo PER, com idades compreendidas entre os 18 e os 77 anos ( $M = 37,10$  anos e  $DP = 15.855$ ), sendo 60.6% do sexo feminino ( $N = 63$ ) e 39.4% do sexo masculino ( $N = 41$ ). A grande maioria dos participantes é de nacionalidade portuguesa, 90.38% ( $N = 94$ ), sendo que as nacionalidades, angolana e cabo-verdiana estão igualmente representadas por 3.85 % dos participantes ( $N = 4$ ), havendo também um indivíduo de origem são-tomense (0.96%) e um indivíduo de origem americana (0.96%).

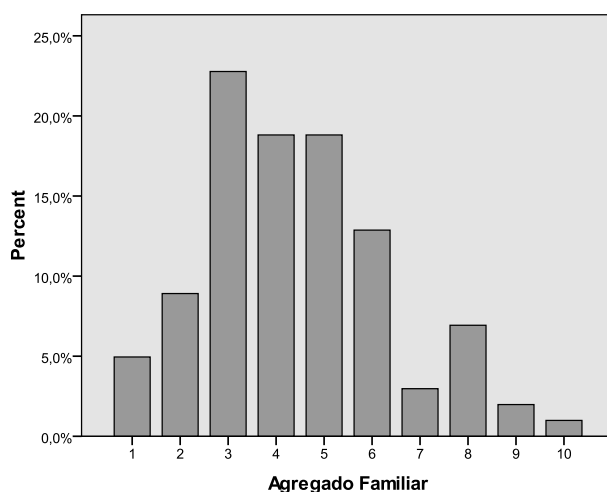
Relativamente ao estado civil, a maioria dos respondentes indicaram ser solteiros (52.88%,  $N = 55$ ), sendo que 19.23% ( $N = 20$ ) indicaram ser casados e 12.50% ( $N = 13$ ) afirmam

viver em união de facto. Os restantes, separados, divorciados e viúvos, correspondem a 15.38% da amostra (5.77%, 2.88% e 6.73%, respectivamente).

Os dados obtidos em relação à escolaridade, como já se esperava, uma vez que os participantes revelavam muitas dificuldades em ler e responder às questões, são muito baixos. A maioria dos participantes, 65.38% (N=68), tem uma escolaridade inferior ao 9º ano. Nos restantes níveis de escolaridade, verifica-se 21.15% (N=22) que têm o 9º ano ou equivalente, 11.54% (N=12) que têm o 12º ano ou equivalente e, apenas, 1.92% (N=2) têm o ensino superior.

No que diz respeito ao número de elementos que constituem o agregado familiar, verificou-se que existem agregados compostos por um grande número de elementos, variando entre 1 elemento (4.8%, N=5) e 10 elementos (1%, N=1) como se pode verificar no Gráfico 2.3.1.

**Gráfico 2.3.1. Distribuição pelo número de elementos do agregado familiar (N=101)**



Relativamente ao número de filhos verificou-se que 29.8% dos participantes não têm filhos (N=31), 22.1% possui apenas um filho (N=23), 15.4% têm 2 filhos (N=16), 11.5% têm 3 filhos (N=12) e verifica-se o mesmo número para aqueles que têm 4 filhos, 5.8% possuem 5 filhos (N=6), e ainda, 4 participantes afirmam ter 6 filhos (3.8%).

No que concerne aos dados relativos à profissão dos participantes verificou-se que, apenas 38.5% (N= 40) exercem uma profissão ou estão reformados (decidiu-se agrupar os activos e reformados pois ambos dependem dos próprios rendimentos) e 60.6% (N=63) dependem financeiramente de outrem. Neste último grupo incluem-se os participantes que se encontram em situação de desemprego (31.7%, N=33), domésticas (17.3%, N=18) e

estudantes (11.5%, N=12). Relativamente ao Grupo<sup>1</sup> onde se enquadra a profissão dos inquiridos, verificou-se que estes pertencem maioritariamente ao Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores), 12.5% e ao Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados), 11.5%, tal como se pode ver no Quadro 2.3.2.

### Quadro 2.3.2. Grupos Profissionais

Grupos	Frequência	Percentagem
Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas)	0	0%
Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas)	2	1.9%
Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio)	5	4.8%
Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares)	2	1.9%
Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores)	13	12.5%
Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas)	0	0%
Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares)	3	2.9%
Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores da Montagem)	4	3.8%
Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados)	12	11.5%
Total	41	39.4%

Relativamente à questão colocada aos participantes sobre se estes trabalhavam ou estudavam no bairro em que residiam, 23.1% responderam afirmativamente (N=24) e 76% responderam no sentido negativo.

No que concerne ao tempo de residência os dados obtidos são muito variados, uma vez que alguns participantes consideram que sempre viveram no mesmo bairro, outros consideram que não, mas os anos em que referem mudanças de bairro nem sempre são iguais, dado que o realojamento foi um processo gradual ao longo de vários anos. O tempo de residência será analisado caso tenha alguma correlação significativa com as variáveis em estudo.

Quando perguntado aos participantes sobre qual o bairro que consideram ser o seu bairro de residência actual, de forma a perceber qual a sua percepção de bairro, as respostas

<sup>1</sup> Os grupos foram definidos de acordo com a Classificação Nacional de Profissões (CNP) do Instituto do Emprego e Formação Profissional (<http://www.iefp.pt/formacao/CNP/Paginas/CNP.aspx>; acedido em 20 de Janeiro de 2010). Importa salientar que a leitura do Nível Profissional deverá considerar a codificação de 1 a 9 sendo que 1 reporta para o nível mais elevado (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas) e 9 para o nível menos elevado (Trabalhadores Não Qualificados).

são variadas, 39.4% referem Alta de Lisboa (N=41), 15.4% referem Alto do Lumiar (N=16), 14.4% mencionaram Bairro da Quinta Grande (N=15), 7.7% mencionaram Bairro da Musgueira (N=8) e 12.5% Bairro da Cruz Vermelha (N=13). Esta variedade de respostas são coerentes com a afirmação de Gans (1962; citado por Almeida & Castro, 2002) de que o modo como os participantes experienciam o processo de realojamento, a satisfação e a identidade com o novo local de residência, difere de indivíduo para indivíduo.

Relativamente à questão colocada sobre a percepção de os participantes terem vivido sempre no mesmo bairro, 40.4% consideram que sempre viveram no mesmo bairro (N=42), enquanto 59.6% consideram que não (N=62). Caso os participantes respondessem que não tinham vivido sempre no mesmo bairro deveriam responder à questão sobre qual o bairro onde residiam anteriormente. Os dados retratam todos os bairros abrangidos pelo Plano Especial de Realojamento, com maior número de participantes do Bairro da Quinta Grande (27.9%, N=29) e da Musgueira Norte (24%, N=25), como se pode ver pelo Quadro 2.3.3.

**Quadro 2.3.3 Distribuição por Bairros de Residência Anterior**

<i>Bairros</i>	<i>Frequência</i>	<i>Percentagem</i>
Musgueira Norte	25	24%
Musgueira Sul	10	9.6%
Musgueira	5	4.8%
Quinta Grande	29	27.0%
Bairro Cruz Vermelha	3	2.9%
Quinta do Louro	2	1.9%
Calvanas	2	1.9%
Pailepa	2	1.9%
Outra zona da cidade	1	1.0%
<i>Total</i>	79	76%

Os dados obtidos podem parecer um pouco estranhos relativamente ao facto de 42 participantes considerarem que viveram sempre no mesmo bairro, uma vez que, para além dos bairros terem sofrido grandes alterações estruturais e serem bairros totalmente diferentes, também se verificou de seguida que 79 participantes referiram um bairro anterior. Estes dados podem parecer incoerentes, mas existem algumas explicações para este facto. Primeiramente, e como já foi evidenciado anteriormente, os participantes possuem níveis de escolaridade muito baixos, e mostraram algumas dificuldades na compreensão e preenchimento das questões.

Desta forma, existem alguns casos em que, apesar de os participantes considerarem que viveram sempre no mesmo bairro, por viverem no mesmo território geograficamente ou por considerarem o bairro com a mesma identidade que mantinha anteriormente, responderam depois à pergunta seguinte que se destinaria apenas a quem teria respondido não (“Se respondeu não à questão anterior, refira há quanto tempo vive neste bairro” e ainda “Onde residia anteriormente?”), e desta forma, aparecem algumas incoerências nos dados. Alguns destes participantes respondem ainda, por exemplo, que vivem actualmente na Alta de Lisboa, depois respondem que nunca mudaram de bairro, mas de seguida quando se pergunta onde viviam anteriormente respondem, por exemplo, Musgueira. Outros ainda referem, por exemplo, Quinta Grande no bairro onde vivem actualmente, consideram que nunca mudaram de bairro, pois a maior parte da área da Quinta Grande é na mesma zona onde era antigamente, no entanto depois respondem na mesma à pergunta sobre onde viviam anteriormente, caso tivessem mudado de bairro, e voltam a responder Quinta Grande. Respondendo desta forma, temos um participante que vive na Quinta Grande, que nunca mudou de bairro, mas que vivia anteriormente na Quinta Grande, não respondendo da forma que se pretendia com as questões e confundindo um pouco os dados. Isto acontece porque, tal como refere Augusto (2002), o bairro e a identidade colectiva estabelecem um complexo de relações imaginárias do homem com o espaço que percorre diariamente, que é caracterizado pelas suas sociabilidades e pela separação e distinção em relação a outros espaços. O conceito de bairro encerra assim uma grande carga simbólica para os indivíduos.

Devido a esta falta de rigor estes dados serão usados apenas para caracterizar a amostra, fazer a distribuição dos participantes pelos bairros que eles percebem como sendo actualmente “o seu bairro”, os bairros que eles percebem como sendo “o seu bairro antigo” e ainda a percepção de ter mudado de bairro ou não.

Por último, relativamente aos dados sobre a participação dos participantes em actividades do bairro (desportivas, comunitárias, religiosas, de lazer, de voluntariado, etc.) verificou-se que 53.8% participam em actividades do bairro (N=56), enquanto 45.2% afirmam não participar em nenhum tipo de actividades (N=47), sendo que 25% participam em dois ou mais (máximo 5, N=1) tipos de actividades.

## 2.4. Instrumentos

Com o objectivo de estudar a influência do realojamento na *Percepção de Sentido de Comunidade* e no *Apoio Social Percebido*, optou-se pela utilização, respectivamente, da *Escala Breve de Sentido de Comunidade - EBSC* (Peterson, Speer & McMillan, 2008; versão

adaptada por Marante, no prelo) e da *Escala de Provisões Sociais - EPS* (Cutrona & Russel, 1987; versão adaptada por Moreira & Canaipa, 2007). Os instrumentos foram escolhidos por revelarem bons índices psicométricos, serem bem fundamentados teoricamente, terem sido validados com amostras portuguesas, serem de fácil compreensão e, a EBSC, particularmente, por ser uma escala breve.

Uma vez que neste estudo se pretende analisar o *Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido* em dois momentos temporais diferentes, estes instrumentos foram adaptados às duas situações: pré-realojamento, analisada retrospectivamente, e pós-realojamento, analisada no presente. Assim, a EBSC e a EPS foram apresentadas duas vezes a cada indivíduo, uma relativa ao presente e outra relativa à situação antes do realojamento, onde foram alterados os tempos verbais para o pretérito perfeito do indicativo e foram também alteradas as instruções do cabeçalho. Assim, na escala EBSC relativa ao presente foi pedido ao participante para responder pensando “(...) no bairro onde vive actualmente”, e na escala que remetia para a situação passada foi pedido ao participante que pensasse “(...) no bairro onde vivia anteriormente (antes do realojamento)”. Na escala EPS relativa ao presente foi pedido ao participante para responder pensando “(...) nas suas actuais relações com as pessoas do seu bairro”, enquanto que na escala que remetia para a situação passada foi pedido que este pensasse “(...) nas suas relações passadas (ou seja, as relações que tinha antes do realojamento)”.

As escalas eram precedidas de um questionário de dados pessoais que será apresentado de seguida. Este foi elaborado para obter alguns dados dos participantes de forma a caracterizar a amostra em estudo. Seguir-se-á também uma breve descrição das características estruturais das duas escalas utilizadas, bem como os seus objectivos e os resultados que permitem obter. Esta apresentação dos instrumentos estará de acordo com a ordem com que foram apresentados aos participantes no momento de aplicação.

#### ***a) Questionário de dados pessoais***

Como referido anteriormente foram recolhidos alguns dados pessoais dos participantes, de forma a caracterizar a amostra e analisar resultados que possam surgir como pertinentes relativos a algumas variáveis sociodemográficas. As questões colocadas aos participantes apresentaram uma estrutura simples e de fácil preenchimento. Foi feita uma adaptação do questionário elaborado por Marante (no prelo) para que estivesse mais adequado aos objectivos deste estudo e à população alvo. Foram retiradas questões que não eram relevantes para este estudo como, por exemplo, questões sobre a zona do país e o tipo de localidade onde os participantes residiam, uma vez que este estudo utiliza uma amostra

específica de uma zona geográfica, a Alta de Lisboa. E foram também acrescentadas outras questões que seriam pertinentes, como, por exemplo, a colocação das questões “9. Em que bairro e freguesia reside?”, de resposta aberta, e “9.1. Sempre residiu no bairro onde vive actualmente?”, com opção de resposta de “sim” ou “não”. Acrescentou-se ainda “9.1.1 Se respondeu não, há quanto tempo reside?” e “9.1.2. Onde residia anteriormente?”. Estas perguntas são muito importantes para caracterizar a amostra, para analisar quais os bairros onde os participantes viviam anteriormente, onde vivem actualmente, se consideram que houve uma mudança de bairro com o realojamento, se os participantes consideram que vivem no novo bairro “Alta de Lisboa”, ou se ainda afirmam pertencer ao bairro anterior ao realojamento, e ainda se consideram que vivem no mesmo bairro por este se encontrar geograficamente no mesmo local, apesar das suas transformações visíveis.

Outras pequenas alterações foram feitas, no sentido de facilitar a compreensão dos participantes, e estar mais adaptado à população em estudo. No cabeçalho do questionário foi garantido aos participantes que as respostas eram anónimas. Explicava-se que não havia respostas certas ou erradas, que apenas interessava que as respostas correspondessem aquilo que os participantes pensavam e sentiam. Pedia-se também que se certificassem de que respondiam a todas as questões. O questionário pode ser consultado no Anexo I.

### ***b) Escala Breve de Sentido de Comunidade – EBSC***

A *Escala Breve de Sentido de Comunidade* utilizada neste estudo para medir a *Percepção de Sentido de Comunidade* é a versão portuguesa, traduzida e adaptada por Marante (no prelo), da *Brief Sense of Community Scale* (BSCS) de Peterson, Speer & McMillan (2008), mantendo o formato original desta. Esta escala breve de 8 itens foi desenvolvida para representar as dimensões de sentido de comunidade propostas pelo modelo teórico de McMillan & Chavis (1986). Cada dimensão é constituída por dois itens e representam: *Satisfação de Necessidades* (e.g. 2. *Este bairro ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades.*), *Estatuto de Membro* (e.g. 3. *Sinto-me como um membro deste bairro*), *Influência* (e.g. 6. *As pessoas deste bairro influenciam-se umas às outras*) e *Ligações Emocionais* (e.g. 8. *Tenho bons laços com outros neste bairro*). Esta escala revelou-se como uma medida válida e fornecedora de suporte empírico para a compreensão do modelo multidimensional proposto por McMillan & Chavis (1986) (Peterson, Speer & McMillan, 2008).



No Quadro 2.4.1. encontram-se os valores relativos à precisão dos valores obtidos na escala adaptada por Marante (no prelo) - EBSC e os valores obtidos por Peterson et al. (2008) – BSCS.

**Quadro 2.4.1. Precisão por *alfa de Cronbach* da BSCS e EBSC**

	Total	Satisfação Necessidades	Estatuto Membro	Influência	Ligações Emocionais
<i>Alfa Cronbach</i> BSCS	0.92	0.86	0.94	0.77	0.87
<i>Alfa Cronbach</i> EBSC	0.84	0.82	0.88	0.33	0.75

Verifica-se no quadro que o valor total do *alfa de Cronbach* da EBSC revela uma boa consistência interna, no entanto, o valor obtido na dimensão influência é reduzido. A observação dos dois itens que constituem esta dimensão na correlação item-total da EBSC permite pensar que este valor baixo se deve ao item 6 (Marante, no prelo). Uma hipótese explicativa, que se poderá colocar, deve-se à tradução portuguesa que se utilizou para este item. Outra hipótese possível está relacionada com o facto de este item ser o único que coloca a ênfase nos “outros” e não na primeira pessoa do respondente (6. *As pessoas deste bairro conseguem influenciar-se umas às outras*). Ambos os factores podem ter influenciado um valor reduzido deste item.

De forma a melhorar os *alfas* da EBSC e obter uma melhor precisão e validade, numa primeira fase deste estudo, foram feitas alterações na escala e aplicada a uma amostra normativa, juntamente com uma outra escala, que mede o sentido de comunidade, a *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale – MTSOCS* (Prezza et al. 2009). Esta etapa foi realizada juntamente com duas mestradas que utilizaram também este instrumento nas suas investigações. Começar-se-á pela explicação das alterações feitas na escala e depois apresentar-se-á de forma breve a escala italiana utilizada para confirmar a validade da EBSC. Um maior detalhe relativo a esta escala será motivo de estudo de outra dissertação de mestrado (Glória, no prelo).

Uma das alterações inicialmente feitas diz respeito à escala de Likert na qual os participantes deveriam assinalar as suas respostas. Ambos os instrumentos (BSCS e EBSC) forneciam aos participantes uma escala de resposta tipo Likert de 5 pontos, podendo as respostas variar entre “1 – discordo fortemente” e “5 – concordo fortemente”, com a opção neutra “3 – Não concordo nem discordo”. A alteração realizada consistiu na eliminação de um dos pontos, delineando uma escala de resposta de 4 opções, que varia entre 1 e 4 (1 – discordo

fortemente, 2 – discordo, 3 - concordo e 4 – concordo fortemente), para definir a percepção de sentido de comunidade relativamente a cada uma das afirmações que compõem a escala, e retirando a hipótese de os participantes darem respostas de tendência central, que dificultariam a análise e interpretação de resultados. O facto de a *Escala de Provisões Sociais*, também aplicada neste estudo, ter uma escala de resposta de resposta tipo Likert de 4 pontos, contribuiu também para a alteração feita, uma vez que, desta forma, ambas as escalas apresentavam as mesmas opções de resposta, mantendo uma coerência de resposta útil para evitar alguns erros que pudessem decorrer desta situação.

Outras alterações foram realizadas na escala relativamente à forma como estavam redigidos os itens. Os termos “área de residência, bairro ou comunidade local” foram substituídos apenas pelo conceito “bairro” para ser mais simples e conciso. Foi também retirado o “Eu” do início de todos os itens por se considerar desnecessário no âmbito da língua portuguesa. E, por último, foram feitas alterações nos dois itens que causavam maior problema ao nível da precisão da dimensão influência. Assim, o item 5 que se apresentava como “Eu tenho uma palavra a dizer sobre o que se passa na minha comunidade” foi alterado para “Se quiser posso colaborar com o que se passa no meu bairro”. O item 6 deixou de ser “As pessoas desta comunidade conseguem influenciar-se umas às outras” e passou a apresentar-se como “As pessoas deste bairro influenciam-se umas às outras.” Foram também feitas algumas alterações nas instruções do cabeçalho de forma a serem mais esclarecedoras.

Como referido anteriormente, para obter melhor precisão e dados relativos à validade da EBSC enquanto medida do sentido de comunidade, esta escala com as novas alterações a que foi sujeita, foi aplicada conjuntamente com outra escala que mede a mesma variável – a *Multidimensional Territorial Sense of Community Scale – MTSOCS* (Prezza et al. 2009), a uma amostra normativa o mais heterógenea possível (N=200). Esta escala é muito recente, possui 19 itens divididos em cinco subescalas que são também congruentes com as dimensões teóricas do sentido de comunidade de McMillan e Chavis (1986). Uma análise em maior pormenor desta escala bem como o estudo de tradução, adaptação da escala à população portuguesa e respectiva análise é motivo de maior detalhe na dissertação de mestrado de Glória (no prelo).

### ***c) Escala de Provisões Sociais – EPS***

Para avaliar o *Apoio Social Percebido* utilizou-se uma versão portuguesa da *Social Provisions Scale - SPS* (Cutrona & Russel, 1987) – a *Escala de Provisões Sociais*, adaptada por Moreira & Canaipa (2007). A SPS foi desenvolvida por Cutrona e Russel (1987) de forma

a operacionalizar a concepção multidimensional de apoio social percebido proposta por Weiss (1974, citado por Moreira & Canaipa, 2007) e obter um suporte empírico para a hipótese deste autor. De acordo com o modelo teórico que o autor postula, o apoio social actua através do fornecimento de recursos específicos, os quais designa por “provisões sociais”, obtidas no contexto de relações sociais e necessárias para o indivíduo fazer face às várias situações de vida. As provisões sociais identificadas pelo modelo de Weiss são seis: *Aconselhamento (Guidance)*, que diz respeito ao apoio recebido através de relações de confiança, com pessoas de autoridade ou maior experiência, que aconselham, orientam e fornecem apoio emocional (e.g. 12. *Há alguém com quem eu poderia falar acerca de importantes decisões na minha vida*); *Aliança Fiável (Reliable Alliance)*, reflecte o sentimento de possuir uma relação forte e segura, que permite contar com ajuda disponível, sob qualquer tipo de situação. Este tipo de provisão é fornecido sobretudo no contexto de relações sólidas e duradouras, como as familiares (e.g. 1. *Há pessoas com as quais posso contar para me ajudarem se eu necessitar realmente*); *Vinculação (Attachment)*, desenvolve-se nas relações mais íntimas, onde existem sentimentos de segurança emocional e partilha (e.g. 11. *Tenho relações próximas que me dão um sentimento de segurança e bem-estar*); *Integração Social (Social Integration)*, diz respeito à rede de relações que o indivíduo integra para partilhar interesses e actividades sociais (e.g. 5. *Há pessoas que apreciam as mesmas actividades sociais que eu*); *Reafirmação de Valor (Reassurance of Worth)*, diz respeito à valorização que os outros fazem das qualidades e competências do indivíduo, sendo especialmente relevante quando este exerce o controlo sobre situações com que se confronta e revela uma boa resolução ou adaptação, e percebe como reconhecido o seu valor (e.g. 11. *Tenho relações próximas nas quais a minha competência e habilidade são reconhecidas*); e *Oportunidade de Prestação de Cuidados (Opportunity for Nurture)*, corresponde à necessidade de fornecer cuidados e apoio, em que o indivíduo é promotor de bem-estar nos outros (e.g. 4. *Há pessoas que contam comigo caso precisem de ajuda*) (Moreira & Canaipa, 2007).

As provisões *Aconselhamento*, *Aliança Fiável* e *Vinculação* constituem as componentes mais relacionadas com o sentimento de ser amado e apoiado emocionalmente pelas redes mais próximas. São provisões que se têm revelado como um apoio muito importantes em quase todas as situações com que o indivíduo se confronta (Sarason et al., 1987 citados por Moreira & Canaipa, 2007).

De acordo com a revisão feita por Moreira e Canaipa (2007), estas seis provisões sociais foram operacionalizadas por Cutrona e Russel, em 1978, e desta forma foi constituída a *Escala de Provisões Sociais*, inicialmente com 12 itens em termos de afirmações, em que

cada uma das provisões estava representada por uma afirmação no sentido positivo e outra no sentido negativo. Numa nova versão da escala, de 1987, os autores acrescentaram mais 12 afirmações, ficando assim com quatro afirmações para cada provisão. Esta revisão da escala permitiu aumentar o nível de precisão dos resultados. Na aplicação inicial de Cutrona e Russel (1987) os coeficientes de *alfa* para cada uma das provisões variaram entre 0.65 e 0.76, com uma pontuação total de 0.91. Para testar a existência das seis provisões, evidenciadas no modelo teórico de Weiss, os autores da escala, realizaram uma análise factorial confirmatória que demonstrou um bom ajustamento, ou seja, os factores encontrados correspondiam claramente às seis provisões sociais. Uma análise factorial de segunda ordem evidenciou a existência de um factor de apoio social geral que revela o facto de as seis provisões avaliarem diferentes facetas do mesmo constructo, o Apoio Social Percebido (Moreira & Canaipa, 2007).

Vários estudos empíricos foram realizados e revelaram boas qualidades psicométricas da escala. Demonstrou ser um bom instrumento para fazer uma avaliação multidimensional do apoio social, com clara evidência das diversas facetas do Apoio Social Percebido, motivo que levou os autores, Moreira & Canaipa (2007), a traduzir e adaptar a *SPS* para a população portuguesa, mantendo a estrutura e princípios teóricos da escala original.

Num estudo mais recente em que se utilizou a *EPS*, de Moreira & Canaipa (2007), com uma amostra de 182 estudantes universitários, os autores efectuaram técnicas de análise factorial. Da análise factorial exploratória, apenas sobressaíram dois factores que, contrariamente ao que se poderia interpretar, são congruentes com os pressupostos da escala original, evidenciando uma importante distinção no conceito de apoio social e que os autores distinguiram como *Apoio Íntimo* e *Apoio Casual*. O factor *Apoio Íntimo* reúne os itens que se relacionam, predominantemente, com o apoio fornecido através de relações em que existe um maior grau de intimidade e afectividade e, assim, neste factor saturam os itens correspondentes às provisões *Aconselhamento*, *Aliança Fiável*, *Oportunidade de Prestação de Cuidados e Vinculação*. No factor *Apoio Casual*, saturam os itens correspondentes às provisões *Reafirmação do Valor* e *Integração Social*, uma vez que este factor está ligado aos itens que se relacionam com aspectos mais sociais do apoio, como a necessidade de partilha de interesses e actividades e a valorização das competências pessoais, podendo este apoio ser fornecido por relações menos próximas (Moreira & Canaipa, 2007).

A análise factorial confirmatória demonstrou a existência de seis factores com razoável ajustamento, o que leva os autores a considerar que também existem vantagens em considerar as seis subescalas em separado, comparando com o uso de apenas duas dimensões,

e ainda que, o uso de duas dimensões apresenta vantagem comparando com a utilização de uma escala geral, o que torna possível um grande número de opções para a análise dos resultados da EPS (para uma revisão mais detalhada da escala ver Moreira & Canaipa, 2007).

As boas qualidades psicométricas acerca de diversas facetas do apoio social percebido são um dos motivos pelo qual a EPS foi escolhida para este estudo, assim como o facto de ser de fácil preenchimento e com uma linguagem simples e acessível, muito conveniente para um contexto específico, como é o caso da nossa amostra, participantes que vivem num bairro de realojamento (EPS no Anexo III).

## **2. 5. Procedimento de Recolha da Amostra**

Inicialmente, procedeu-se à aplicação de um pré-teste a 5 pessoas, com o questionário de dados pessoais e as escalas referidas, com o intuito de perceber se as questões propostas eram facilmente compreendidas e se havia dúvidas por parte dos participantes. Uma versão final foi depois aplicada aos participantes deste estudo.

As aplicações foram efectuadas durante os meses de Março e Abril 2010. Inicialmente as aplicações começaram por ser realizadas com as pessoas que frequentavam e participavam nas actividades desenvolvidas pelo Programa K'CIDADE da Alta de Lisboa. Posteriormente começaram a ser aplicados questionários na rua, em cafés, lojas, associações e espaços públicos. Neste processo foi essencial o apoio de dois elementos da população da Alta de Lisboa, colaboradores no K'CIDADE, o que facilitou o acesso à comunidade. Este apoio foi muito importante para a obtenção de um grande número de participantes.

Os dados recolhidos foram analisados utilizando o SPSS (Statistical Packages for the Social Sciences) versão 17.0 para Windows.

### Capítulo III – Resultados

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos a partir dos instrumentos utilizados, para analisar a *Percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido*. Os dados serão analisados de acordo com as questões de investigação formuladas previamente.

#### 3.1. Escala Breve de Sentido de Comunidade

Pensando ao nível da primeira questão de investigação colocada tentou-se perceber se havia diferenças significativas entre a *Percepção de Sentido de Comunidade* nas situações anterior e posterior ao realojamento. Devido ao facto de ter sido feita uma adaptação das escalas a uma situação retrospectiva (anterior ao realojamento) foram, primeiramente, calculados os *alfas de Cronbach* das escalas totais, bem como as médias e desvio-padrão de ambas as situações em que a *Escala Breve de Sentido de Comunidade* – EBSC foi aplicada, de forma a analisar comparativamente, como se apresenta no Quadro 3.1.1.

**Quadro 3.1.1. *Alfas de Cronbach, Médias e Desvio-Padrão EBSC***

	Alfa de Cronbach	Média	Desvio-Padrão
EBSC anterior ao realojamento	0.846	3.187	0.492
EBSC posterior ao realojamento	0.755	2.768	0.478

Verifica-se que os valores do *alfa de Cronbach* são elevados, no entanto, curiosamente, o valor do *alfa de Cronbach* da EBSC anterior ao realojamento é mais elevado revelando uma melhor consistência interna do que o *alfa* da EBSC posterior ao realojamento. Relativamente aos valores da média da EBSC obtidos, verifica-se pela observação do quadro, que na situação anterior ao realojamento o valor da média é mais elevado do que na situação posterior ao realojamento. Para verificar se as diferenças evidenciadas entre as duas situações temporais são significativas foi realizado um teste *t-Student* para amostras emparelhadas.

Os resultados obtidos com o teste *t-Student* indicam uma diferença estatisticamente muito significativa entre a *Percepção de Sentido de Comunidade* na situação anterior ao realojamento e a situação actual, posterior ao realojamento, demonstrada por  $t(102)=6.655$ ,  $p<0.000$  (Quadro 3.1.2). Sendo os valores mais elevados na situação anterior ao realojamento, é possível perceber que, de um modo geral, os participantes demonstram uma *Percepção de Sentido de Comunidade* significativamente mais elevada relativamente ao passado e aos bairros onde viviam antes do processo de realojamento.

Quadro 3.1.2 – Resultados *t-test* Amostras Emparelhadas EBSC

	<i>t-test</i>	g.l.	Sig. (2-tailed)
EBSC anterior ao realojamento - EBSC posterior ao realojamento	6.655*	102	<b>0.000</b>

\* A diferença é significativa a um nível de significância de  $p < 0.05$

O teste *t-Student* permite também obter a correlação de amostras emparelhadas entre as escalas nos dois momentos temporais, mas esta correlação não se revelou muito significativa ( $r = 0.135$ ,  $p > 0.05$ ).

Foi também realizado um teste *t-Student* para amostras emparelhadas ao nível das quatro dimensões que constituem a EBSC (Peterson, Speer e McMillan, 2008; versão adaptada por Marante, no prelo), de forma a obter um maior detalhe nos resultados e perceber se, a diferença entre os dois momentos temporais, era também significativa em todas as dimensões (*Satisfação de Necessidades*, *Estatuto de Membro*, *Influência*, *Ligação Emocional*). O resultado revelou-se bastante claro, as diferenças são também muito significativas, ou seja, todas as dimensões que constituem a escala de sentido de comunidade são mais elevadas no passado referente aos antigos bairros onde os indivíduos viviam antes do realojamento, do que actualmente. Podemos verificar estes resultados no Quadro 3.1.3.

Quadro 3.1.3. Resultados *t-test* Amostras Emparelhadas EBSC - Dimensões

	<i>t-test</i>	g.l.	Sig. (2-tailed)
EBSC_SN anterior ao realojamento	6.904*	103	<b>0.000</b>
EBSC_SN posterior ao realojamento			
EBSC_M anterior ao realojamento	4.380*	103	<b>0.000</b>
EBSC_M posterior ao realojamento			
EBSC_I anterior ao realojamento	2.989*	102	<b>0.004</b>
EBSC_I posterior ao realojamento			
EBSC_LE anterior ao realojamento	5.472*	103	<b>0.000</b>
EBSC_LE posterior ao realojamento			

\*A diferença é significativa a um nível de significância de  $p < 0.05$

Nota: SN – *Satisfação de Necessidades*, M – *Estatuto de Membro*, I – *Influência* e LE – *Ligação Emocional*.

Analisando também as correlações das amostras emparelhadas, dos dois momentos, que o teste *t-Student* nos fornece, relativamente às dimensões da EBSC, obtemos os dados que seguidamente se apresentam no Quadro 3.1.4.

Quadro 3.1.4. Resultados de Correlações Amostras Emparelhadas EBSC - Dimensões

	Média	Correlação	Sig. (2-tailed)
EBSC_SN anterior ao realojamento	2.884	0.264*	<b>0.007</b>
EBSC_SN posterior ao realojamento	2.303		
EBSC_M anterior ao realojamento	3.313	-0.053	0.596
EBSC_M posterior ao realojamento	2.885		
EBSC_I anterior ao realojamento	3.111	0.410*	<b>0.000</b>
EBSC_I posterior ao realojamento	2.932		
EBSC_LE anterior ao realojamento	3.423	0.034	0.729
EBSC_LE posterior ao realojamento	2.952		

\*A correlação é significativa a um nível de significância de  $p < 0.05$

Nota: SN – Satisfação de Necessidades, M – Estatuto de Membro, I – Influência e LE – Ligação Emocional.

Verifica-se, através dos dados apresentados no Quadro 3.1.3. que apenas as dimensões *Satisfação de Necessidades e Influência* se encontram correlacionas significativamente nos dois momentos temporais. As dimensões *Estatuto de Membro e Ligação Emocional* não apresentam uma correlação significativa entre as duas situações, o que significa que, nestas duas dimensões, as respostas aos itens correspondentes não estão relacionadas nas versões anterior e posterior ao realojamento, ao contrário o que acontece nas dimensões *Satisfação de Necessidades e Influência*. No entanto, como verificado anteriormente na escala global, todas as dimensões são significativamente mais elevadas na versão anterior ao realojamento, demonstrando, interessantemente, uma *Percepção de Sentido Psicológico de Comunidade* mais elevado nos bairros onde os indivíduos viviam no passado.

### 3.2. Escala de Provisões Sociais

A segunda questão de investigação tinha como objectivo perceber se haveria diferenças na situação anterior e na situação actual, posterior ao realojamento, relativamente ao *Apoio Social Percebido*. Para tal, utilizou-se a EPS (Cutrona e Russel, 1987; versão adaptada por Moreira e Canaipa, 2007), para recolher os dados, e o procedimento estatístico foi semelhante ao realizado com a EBSC, mencionado no ponto anterior. Assim, também devido ao facto de ter sido feita uma adaptação das escalas a uma situação retrospectiva (anterior ao realojamento) foram, inicialmente, calculados os *alfas de Cronbach* das escalas totais, bem como as médias e desvio-padrão de ambas as situações em que a EPS foi aplicada, (como se apresenta no Quadro 3.2.1.) de forma a analisá-las comparativamente.



Quadro 3.2.1. *Alfas de Cronbach, Médias e Desvio-Padrão EPS*

	<i>Alfa de Cronbach</i>	Média	Desvio-Padrão
EPS anterior ao realojamento	0.912	3.084	0.386
EPS posterior ao realojamento	0.893	2.952	0.393

A tabela mostra-nos valores dos *alfas de Cronbach* bastante elevados, ou seja, uma boa consistência interna que já tinha sido verificada com as aplicações de Cutrona e Russel (1987) e de Moreira e Canaipa (2007), e que o presente estudo confirma mais uma vez, evidenciando a boa validade da EPS. Mas, e tal como acontecia na EBSC, o valor do *alfa de Cronbach* da EPS anterior ao realojamento apresenta-se ainda mais elevado do que o *alfa de Cronbach* da EPS na situação posterior ao realojamento, revelando ainda uma melhor consistência interna nas respostas dadas. No que concerne aos valores médios dos itens da EBSC, verifica-se também que na situação anterior ao realojamento, o valor da média é mais elevado.

De seguida foi realizado um teste *t-Student* para amostras emparelhadas com o objectivo de verificar se as diferenças que surgem são significativas. Os resultados podem ser observados no Quadro 3.2.2.

Quadro 3.2.2 – Resultados *t-test* Amostras Emparelhadas EPS

	<i>t-test</i>	g.l.	Sig. (2-tailed)
EPS anterior ao realojamento - EPS posterior ao realojamento	3.841*	101	<b>0.000</b>

\* A diferença é significativa a um nível de significância de  $p < 0.05$

Constata-se que os dados relativos ao *Apoio Social Percebido* indicam também uma diferença estatisticamente muito significativa entre a situação anterior e a situação actual dos indivíduos, posterior ao realojamento, em que  $t(101)=3.841$ ,  $p < 0.000$ . Como os valores mais elevados dizem respeito à situação anterior ao realojamento verifica-se que, de um modo geral, os indivíduos parecem demonstrar um *Apoio Social Percebido* significativamente mais elevado relativamente ao passado e às relações sociais nos bairros onde viviam antes do processo de realojamento, tal como acontecia relativamente à *Percepção de Sentido de Comunidade*.

Através do *test t-Student* obteve-se também a correlação de amostras emparelhadas entre as escalas globais nos dois momentos temporais. Verificou-se que existia uma correlação positiva significativa ( $r= 0.515$ ,  $p<0.000$ ) entre as respostas dadas pelo indivíduos às questões das escalas nos dois momentos temporais.

De forma a obter uma análise um pouco mais detalhada da escala, foi também realizado um *test t-Student* para amostras emparelhadas ao nível das seis dimensões que constituem a EPS (Cutrona e Russel, 1987; versão adaptada por Moreira e Canaipa, 2007), de forma a perceber se, a diferença significativa verificada entre as escalas globais, também se verifica em todas as dimensões que a constituem (*Aconselhamento, Aliança Fiável, Oportunidade de Prestação de Cuidados, Reafirmação de Valor, Vinculação, Integração Social*). Os resultados podem ser observados no Quadro 3.2.3.

**Quadro 3.2.3. Resultados *t-test* Amostras Emparelhadas EPS - Dimensões**

	<i>t-test</i>	g.l.	Sig. (2-tailed)
EPS_ A anterior ao realojamento	3.119*	101	<b>0.002</b>
EPS_ A posterior ao realojamento			
EPS_AF anterior ao realojamento	3.703*	103	<b>0.000</b>
EPS_AF posterior ao realojamento			
EPS_OPC anterior ao realojamento	0.881	102	0.380
EPS_OPC posterior ao realojamento			
EPS_RV anterior ao realojamento	3.669*	102	<b>0.000</b>
EPS_RV posterior ao realojamento			
EPS_V anterior ao realojamento	2.617*	103	<b>0.010</b>
EPS_V posterior ao realojamento			
EPS_IS anterior ao realojamento	2.677*	102	<b>0.009</b>
EPS_IS posterior ao realojamento			

\*A diferença é significativa a um nível de significância de  $p < 0.05$

Nota: A – Aconselhamento, AF – Aliança Fiável, OPC – Oportunidade de Prestação de Cuidado, RV – Reafirmação de Valor, V - Vinculação e IS – Integração Social.

Constata-se que as diferenças entre as dimensões da escala de *Apoio Social Percebido* são também muito significativas, sendo mais elevadas no passado referente às relações sociais que os indivíduos possuíam nos antigos bairros, antes do realojamento. No entanto apresenta-se, nestes resultados, uma exceção, que diz respeito à dimensão de *Oportunidade de Prestação de Cuidados*. Esta é a única dimensão que não apresenta uma diferença significativa entre os dois momentos. Uma possível explicação para este facto é que, esta dimensão depende muito de uma avaliação do próprio indivíduo e não tanto dos outros, corresponde à necessidade de fornecer cuidados e apoio, em que o indivíduo é promotor de

bem-estar nos outros (e.g. 4. *Há pessoas que contam comigo caso precisem de ajuda*), daí o indivíduo poder não encontrar diferenças na sua atitude relativamente a prestar cuidados aos outros actualmente ou no passado.

Analisando também as correlações das amostras emparelhadas, dos dois momentos, que o *test-t* nos fornece, relativamente às dimensões da EPS, verifica-se que todas as dimensões apresentam uma correlação positiva ao nível de  $p < 0.05$ .

### 3.3. Relação entre Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido

Outra das questões de investigação proposta prendia-se com o facto de haver ou não uma relação significativa entre a *Percepção de Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido* dos indivíduos nas duas situações temporais referidas ao longo deste estudo. Realizou-se a correlação de *Pearson* entre os totais das duas escalas e os resultados encontram-se no Quadro 3.3.1

**Quadro 3.3.1. – Resultados Correlações de *Pearson* entre EBSC e EPS**

	Correlação de <i>Pearson</i>	Sig. (2-tailed)
EBSC - EPS	0.541**	0.000
Anterior ao realojamento		
EBSC - EPS	0.539**	0.000
Posterior ao realojamento		

\*\*A correlação é significativa a um nível de significância de  $p < 0.01$

Tal como se pode constatar no Quadro 3.3.1. as correlações obtidas indicam uma relação positiva e elevada entre as variáveis, *Sentido Psicológico de Comunidade* e *Apoio Social Percebido*, em ambas as situações. Este resultado permite perceber que, de um modo geral, quanto mais elevada é a *Percepção de Sentido de Comunidade*, mais elevado é também o *Apoio Social Percebido*.

### 3.4. Relação entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis *Sentido de Comunidade* e *Apoio Social Percebido*

Com o objectivo de tentar responder à questão de investigação 3, que questiona a existência de relações significativas entre as variáveis *Percepção de Sentido de Comunidade* e *Apoio Social Percebido* e variáveis sociodemográficas foram realizadas correlações de *Pearson*. Uma vez que o número de variáveis sociodemográficas seria muito elevado para apresentar e analisar todos os resultados, optou-se por analisar apenas os resultados

significativos. Verificou-se, assim, que não existiam correlações significativas entre estas variáveis e o *Sentido de Comunidade*, apenas se verificaram correlações significativas entre o *Apoio Social Percebido* e as variáveis *Idade*, *Escolaridade*, *Número de Filhos* e *Participação em Actividades do Bairro*. Estes resultados encontram-se representados no Quadro 3.4.1.

**Quadro 3.4.1. – Resultados Correlações de Pearson entre Apoio Social Percebido e Variáveis Sociodemográficas**

	EPS Posterior ao Realojamento	EPS Anterior ao realojamento
Idade	<b>-0.243*</b>	-0.179
Escolaridade	<b>0.261**</b>	<b>0.224*</b>
Número de Filhos	<b>-0.254*</b>	-0.181
Participação Actividades Bairro	<b>0.312**</b>	0.168

\*\*A correlação é significativa a um nível de significância de  $p < 0.01$

\*A correlação é significativa a um nível de significância de  $p < 0.05$

#### ***Idade e EPS***

Os resultados permitem perceber que, relativamente à idade, verifica-se uma correlação significativa, mas apenas com o *Apoio Social Percebido* referente às actuais relações com as pessoas do bairro. Esta correlação é negativa ( $r = -0.243$ ,  $p < 0.05$ ), ou seja, parece demonstrar que, de um modo geral, quanto mais elevada a idade, menor a noção de apoio social que existe disponível na comunidade.

#### ***Escolaridade e EPS***

No que diz respeito à escolaridade, ambas as situações temporais do *Apoio Social Percebido* possuem uma correlação positiva significativa com esta variável. Os valores de  $r$  oscilam entre 0.261, para um nível de significância de  $p < 0.01$ , e 0.224, para um nível de significância de  $p < 0.05$ , relativo ao *Apoio Social Percebido* com as relações actuais e o *Apoio Social Percebido* com as relações do passado, respectivamente. Estes resultados sugerem que quanto maior é o grau de *Escolaridade* dos participantes, maior é a percepção do apoio social dos participantes.

#### ***Número de Filhos e EPS***

Uma correlação significativa no sentido negativo ( $r = -0.254$ ,  $p < 0.05$ ) sugere que indivíduos com maior *Número de Filhos*, tenderão a apresentar uma menor percepção acerca do apoio social das suas relações sociais actuais.

---

*Participação em Actividades do Bairro e EPS*

Por último, constata-se também uma correlação positiva e significativa, com  $r=0.312$ ,  $p<0.01$ , que permite perceber que, de um modo geral, os indivíduos que actualmente participam em *Actividades do Bairro*, manifestam maior *Apoio Social Percebido* através das suas relações sociais presentes.

## Capítulo IV – Discussão e Conclusões

O presente estudo pretendeu avaliar a influência do processo de realojamento na *Percepção de Sentido de Comunidade* e no *Apoio Social Percebido* numa amostra de participantes que residem em habitações de realojamento da Alta de Lisboa, verificando se estas variáveis apresentavam diferenças significativas entre a situação anterior ao realojamento e a situação actual, posterior ao realojamento. Procurou-se também analisar se existiria uma relação entre as variáveis nas duas situações temporais, bem como relações significativas entre estas e variáveis sociodemográficas. Desta forma, este capítulo debruçar-se-á sobre os resultados mais pertinentes que permitem dar resposta às questões empíricas previamente enunciadas. Seguir-se-á uma síntese dos resultados mais relevantes de acordo com as questões de investigação enunciadas e a respectiva análise e reflexão das conclusões que estes permitem formular. Pretende-se igualmente enunciar limitações do estudo e enunciar possíveis implicações práticas deste estudo.

### 5.1. Integração e discussão dos resultados empíricos

Relativamente às duas principais questões de investigação colocadas “Haverá diferenças significativas entre a *Percepção de Sentido de Comunidade* anterior ao Realojamento e posterior ao Realojamento?” e “Haverá diferenças significativas entre o *Apoio Social Percebido* anterior ao Realojamento e posterior ao Realojamento?”, a resposta a ambas é efectivamente afirmativa. A *Percepção de Sentido de Comunidade* e de *Apoio Social Percebido* parecem ser, de facto, influenciadas pelo processo de realojamento.

#### *Sentido Psicológico de Comunidade*

Iniciando pela análise do *Sentido Psicológico de Comunidade* de forma a dar resposta à questão de investigação nº 1, e tendo em conta os resultados apresentados no capítulo anterior, verificou-se que o valor da *Percepção de Sentido de Comunidade* é superior na situação anterior ao realojamento. Este resultado permite perceber que os indivíduos demonstram, segundo a definição de McMillan e Chavis (1986), um maior sentimento de pertença, de preocupação uns com os outros e com o bairro, de partilha da satisfação das necessidades da comunidade e de ligação emocional, nos bairros onde viviam antes do processo de realojamento. Como a escala é constituída por quatro dimensões, decidiu-se fazer uma análise comparativa em relação a estas, para verificar se a diferença era apenas a um nível global do sentido de comunidade ou se se verificava, numa análise de pormenor, em todas as dimensões. E, efectivamente, os dados obtidos permitem perceber que todas as

dimensões apresentam valores significativamente superiores na situação anterior ao realojamento, ou seja, a integração e satisfação das necessidades, as ligações emocionais partilhadas com os membros do bairro, fazer a diferença para as pessoas do bairro, considerar o bairro importante para os seus membros, sentir que pertencem ao bairro, são características representadas pelas quatro dimensões já revistas, que constituem o modelo teórico de McMillan e Chavis (1986), e que dizem respeito a sentimentos percebidos pelos indivíduos como mais fortes e intensos nos bairros de residência antigos.

Estes resultados podem parecer surpreendentes se tivermos em conta que, os indivíduos avaliaram com melhores valores algo que recordam pela memória e que diz respeito a uma situação retrospectiva, quando comparada a uma situação actual. No entanto, estes resultados poderiam fazer-se prever pela literatura revista acerca do realojamento, uma vez que é referido que a vivência de um realojamento como modificação das condições residenciais, leva frequentemente à interrupção do vínculo dos indivíduos com o seu ambiente socio-físico, e isto provoca um corte no estado de equilíbrio dos indivíduos que requer um processo de transição e readaptação mais ou menos moroso (Almeida & Castro, 2002). Esta readaptação vai depender também de como é conduzido todo o processo de realojamento, uma vez que também foram referidos aspectos dos realojamentos que estão ainda longe de constituírem as condições ideais. Um destes aspectos está relacionado com o facto de os indivíduos não serem chamados a participar de forma activa no processo. Neste sentido um outro estudo, referido anteriormente, evidencia que baixos níveis no grau de escolha que um membro de uma comunidade têm ao tornar-se membro, como acontece no realojamento, está associado a baixos níveis de identificação social com o local habitacional e com o sentido psicológico de comunidade (Obst & White, 2007).

Assim, tal como alguns autores referem, o modo como os indivíduos experienciam o processo de realojamento, a satisfação e a identidade com o novo local de residência difere de indivíduo para indivíduo (Gans, 1962, citado por Almeida & Castro, 2002), bem como o tempo necessário para se readaptarem e apropriarem de forma positiva do espaço habitacional, investindo novos significados e afectos e ter novo sentido de pertença, de forma a atingir o equilíbrio psicológico, familiar e social.

De um modo geral, os resultados obtidos permitem concluir que isto ainda não se verifica nesta população e, como tal, é necessário, ao nível da intervenção comunitária, fortalecer o aumento do Sentido de Comunidade, encorajando subsequentemente para um maior sentido de identificação com o local, de controlo do espaço, maior auto-confiança e

auto-eficácia e facilitação das relações sociais, ou seja, para o aumento da habilidade na utilização dos recursos da comunidade. Desta forma, apesar da dificuldade acrescida pelo facto visível de ser uma população muito diversificada e com uma grande fragmentação do espaço, parece ser essencial que haja um foco da intervenção no trabalho “com” a comunidade no sentido da recuperação e reconstrução do Sentido Psicológico de Comunidade, como refere Saranson (1974).

### ***Apoio Social Percebido***

Relativamente ao *Apoio Social Percebido* colocava-se a mesma questão, ou seja, se este apresentava diferenças significativas nos dois momentos temporais. Os resultados permitem responder de forma afirmativa, tal como aconteceu com a variável anterior, verificou-se que, os valores obtidos na situação anterior ao realojamento são significativamente mais elevados quando comparados à situação actual. Este resultado, de um modo geral, permite concluir que, a percepção que os indivíduos têm da existência ou disponibilidade de pessoas em quem se pode confiar, pessoas que mostram que se preocupam, que os valorizam e que gostam deles, ou seja, o apoio social que os indivíduos percebem como disponível se precisarem dele, é maior relativamente ao passado, às pessoas e redes de relações sociais que existiam nos bairros antigos. Desta forma, é possível considerar que o realojamento foi uma forte influência para a diminuição da percepção de apoio social que os indivíduos manifestam.

Analisando de forma mais pormenorizada as dimensões que constituem a escala utilizada para esta avaliação, verifica-se que, com excepção da dimensão oportunidade de prestação de cuidados, uma diferença muito significativa entre ambos os momentos, e superior antes do realojamento. Assim, as “provisões sociais” que Cutrona e Russel (1987) referem, isto é, os recursos específicos, que os indivíduos consideram ter disponíveis no contexto das suas relações sociais e necessárias para estes fazerem face às várias situações de vida, são percebidas como inferiores comparativamente aquelas que eles percepcionavam nos antigos bairros. Os resultados das dimensões permitem concluir que os indivíduos, de um modo geral, revelam actualmente uma menor percepção de apoio social recebido ao nível das relações de confiança com pessoas que aconselham, orientam e dão apoio emocional; ao nível do sentimento de possuir relações fortes e seguras para qualquer situação; de vinculação através de relações mais íntimas e de maior partilha emocional; de uma rede de relações em que partilham interesses e actividades; e da valorização das qualidades e competências. Estes resultados evidenciam uma percepção de que nos antigos bairros as redes de relações sociais



tinham maior qualidade e eram mais satisfatórias para os indivíduos, estes tinham uma maior percepção do apoio social disponível, de serem amados e cuidados, estimados, valorizados, e de pertencerem a uma rede recíproca.

Com o processo de realojamento, estas redes foram perdidas ou diminuídas, e parece ser essencial, ao nível da intervenção comunitária, que se promova a facilitação e fortalecimento de redes sociais e de participação comunitária, uma vez que um elevado Apoio Social Percebido permite experienciar mais eventos positivos e desejáveis, mais auto-estima, uma visão mais optimista da vida (Silva et al. 2003), estados emocionais positivos e maior satisfação com a vida (Moreira e Canaipa, 2007).

### ***Relação entre Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido***

Dando resposta à questão de investigação nº 3 verificou-se uma correlação positiva significativa entre a *Percepção de Sentido de Comunidade* e o *Apoio Social Percebido* em ambos os momentos. Este resultado permite concluir que, de um modo geral, quanto mais elevada é a *Percepção de Sentido de Comunidade* dos indivíduos, maior é também a percepção de *Apoio Social Percebido*. A constatação de que ambos são influenciados da mesma forma pelo realojamento e alguns dados da literatura já faziam suspeitar de que havia uma importante relação entre estas duas variáveis, como iremos ver em seguida.

Verificou-se que havia um maior Sentido de Comunidade quando se verificava uma vinculação e identificação com o espaço habitacional, e nestas condições também se verifica uma maior satisfação com as redes sociais estabelecidas com os membros da comunidade em que o indivíduo pertence (Prezza & Constantini, 1998). Os autores referem ainda que o Sentido de Comunidade encoraja o estabelecimento de relações sociais. E quanto maior for a percepção de apoio disponível, melhor o Sentido de Comunidade. Anteriormente, também Prezza et al. (2009), já tinham feito um estudo em que emergiram relações entre o Sentido Psicológico de Comunidade e o Apoio Social Percebido, e entre estas e outras variáveis como a participação em grupos e associações e a satisfação com a vida.

Alguns autores que estudaram o Apoio Social Percebido realçaram também o facto deste se relacionar positivamente com a adaptação do indivíduo às mudanças (Antunes & Fontaine, 1995) por parte de várias fontes ou grupos de socialização. Tendo em conta que esta população passou por uma mudança de grande impacto, o realojamento, e está ainda numa fase de readaptação e reformulação de identidade e ligação ao local, um Apoio Social Percebido e Sentido Psicológico de Comunidade elevados são conceitos-chave para intervir com esta população nesta fase de adaptação à mudança.

### ***Relação entre as variáveis principais e varias sociodemográficas***

Foi possível observar que o *Sentido de Comunidade* não apresenta correlações significativas com nenhuma das variáveis sociodemográficas, apenas o *Apoio Social Percebido* apresentou correlações significativas com as variáveis *Idade*, *Escolaridade*, *Número de Filhos* e *Participação em Actividades do Bairro*. Relativamente à *Idade*, os resultados permitem concluir que, de um modo geral, quanto mais elevada a *Idade*, menor a *Percepção de Apoio Social* disponível na comunidade. Este resultado é coerente com aquele encontrado por Prezza e Pacilli (2002), que mostra que os mais jovens percebem mais apoio social dos amigos e outras pessoas significativas e esta percepção decresce gradualmente com a idade. Apenas o Apoio Social Percebido da família em específico, não parece variar com a idade.

Relativamente às restantes variáveis, verifica-se que os indivíduos com maior *Número de Filhos* tendem a apresentar uma menor percepção acerca do *Apoio Social Percebido*, e os indivíduos com maior grau de *Escolaridade* percebem um maior apoio social. Por último, a evidência de que os indivíduos que participam em *Actividades do Bairro* apresentam um maior *Apoio Social Percebido*, uma vez que apresentam provavelmente uma rede social mais alargada.

### **5.2. Limitações do Estudo**

Uma das limitações inerentes a este estudo prende-se com a recolha da amostra. Dado que a população em estudo apresenta um nível de escolaridade muito baixo, poderá colocar-se o problema de, por vezes, as pessoas não terem compreendido bem as questões. O facto de vários questionários terem sido feitos oralmente poderá também ter provocado alguns enviesamentos.

Outro possível enviesamento prende-se com a realização de questões relativas ao passado, em que os participantes têm de responder de acordo com a memória, que poderá ser falível.

O facto de as escalas serem aplicadas a dois momentos diferentes, tornou o conjunto aplicado mais longo, o que poderá diminuir a concentração das pessoas, principalmente devido às características destas. As questões do questionário sociodemográfico relativas aos bairros onde os indivíduos vivem e viveram e o número de anos de residência no bairro poderão aparecer um pouco confusas e poderiam ser melhoradas.

A um nível mais teórico realça-se a importância de uma clara delimitação do conceito de comunidade. O que é considerado comunidade pode influenciar o nível do sentido de comunidade e consequentemente a sua relação com outras variáveis.

### **5.3. Propostas e Implicações Práticas**

Algumas propostas e implicações práticas foram já referidas, associadas às variáveis em questão, no entanto, existem outros aspectos a ter em atenção. Este estudo apresenta indícios importantes a ter em consideração em posteriores acções de realojamento. Uma vez que, valorizar as características e os sentimentos que interagem dinamicamente para criar o Sentido de Comunidade, bem como os factores essenciais para que este não se perca ou diminua, e ainda chamar as pessoas a participar activamente na forma de realojar, é algo que pode contribuir para uma acção de realojamento mais bem sucedida no futuro.

Será igualmente importante, ao nível da intervenção comunitária, valorizar a importância dos conceitos de Apoio Social Percebido e de Sentido Psicológico de Comunidade, pelos motivos e vantagens já referidos.

Ao nível de futuras investigações seria pertinente realizar um verdadeiro estudo longitudinal sem possíveis interferências da memória, ou seja, avaliar a percepção de Sentido de Comunidade e de Apoio Social Percebido num bairro antes de um processo de realojamento e depois no novo bairro, após concretizado o realojamento. Idealmente até, num terceiro momento, passados alguns anos, para avaliar a influência do tempo nestas variáveis. Acompanhada preferencialmente de uma avaliação qualitativa, de forma a complementar a análise das variáveis com outras informações úteis para compreender melhor a influência que o realojamento exerce na Percepção de Sentido de Comunidade e Apoio Social Percebido.

Outra investigação interessante seria comparar um bairro de realojamento com as características referidas neste estudo (urbano; com edifícios colectivos de habitação em altura; com um número de residentes muito elevado; com uma grande heterogeneidade de culturas, valores e crenças) com outra situação semelhante, pelo facto de as pessoas terem sido forçadas a mudar de residência mas, com características diferentes (em meio rural; com habitações singulares e térreas; caracterizado por um número reduzido de residentes; e por uma grande homogeneidade cultural). Este último caso diz respeito à criação da nova Aldeia da Luz, no Alentejo, em detrimento da anterior, devido à construção da Barragem do Alqueva. Poderia ser interessante comparar as variáveis em estudo em dois locais muito distintos, mas com dois factores comuns, o facto de em ambos os seus residentes terem sido

forçados a abandonar as anteriores residências para habitarem novas, e o facto de já terem passado vários anos. Seria igualmente pertinente analisar qualitativamente, de forma a perceber quais os factores mais importantes a influenciar as percepções destas duas populações.

Por último, apesar de todas as limitações do estudo, e apesar de o sentido de comunidade e o apoio social percebido serem variáveis muito estudadas, esta investigação teve o mérito de as aplicar pela primeira vez num contexto específico de realojamento, direccionadas para dois momentos temporais diferentes, e aplicadas de forma conjunta, evidenciando a sua importante relação. Esperemos que possa contribuir para melhorar a compreensão de aspectos importantes do realojamento e despoletar mais investigações na área da Psicologia Comunitária.

*Um bairro, mais do que um território é um conceito psicológico.*  
(Gifford, 2007)

---

**Bibliografia**

- Almeida, I. e Castro, P. (2002). Realojamento – satisfação residencial e identidade local. In *I Colóquio Psicologia, Espaço e Ambiente*. Universidade de Évora.
- Antunes, C. & Fontaine, A. M. (1995). Diferenças na percepção de apoio social na adolescência: Adaptação do “social support appraisals”. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 10/11, 115-1
- Augusto, N. M. (2002). Habitação Social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão. In *Actas do IV Congresso da Associação Portuguesa de Sociologia*.
- Bernardo, F. & Palma, J. M. (2005). Place Change and Identity Process. *Medio Ambiente y Comportamiento Humano*, 6 (1), 71-87.
- Cachado, R. A. (2009). Habitação social nas últimas décadas. *Vírus*, 7, 13-22.
- Cardoso, A. (1993). A outra face da cidade – pobreza em bairros degradados de Lisboa. Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- Cardoso, A. e Perista, H. (1994). A cidade esquecida - pobreza em bairros degradados de Lisboa. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 15, 99-111.
- Chavis, D. M., Pretty, G.M.H. (1999). Sense of community: Advances in measurement and application. *Journal of Community Psychology*, 27(6), 635-642.
- Chipuer, H. M., & Pretty, G.M.H. (1999). A review of the sense of community index: Current uses, factor structure, reliability, and further development. *Journal of Community Psychology*, 27, 643-658.
- Cohen, S., & Wills, T. A. (1985). Social support, stress and the buffering hypothesis. *Psychological Bulletin*, 98 (2), 310-357.
- Cramer, D. (2006). How a supportive partner may increase relationship satisfaction. *British Journal of Guidance & Counselling*, 34 (1), 117-131.
- Cutrona, C. E., & Russell, D. (1987). The provisions of social relationships and adaptation to stress. In W. H. Jones & D. Perlman (Eds.), *Advances in personal relationships* (Vol. 1, pp- 37-67). Greenwich: JAI Press.
- Davidson, W. B. e Cotter, P. R. (1991). The relationship between sense of community and subjective well-being: a first look . *Journal of Community Psychology*, 19, 246-253.
- Doherty, W. J. & Beaton, J. M. (2000). Family terapists, community and civic renewal. *Family Process*, 39 (2), 149-161.

- Dunst, C., & Trivette, C. (1990). Assessment of social support in early intervention programs. In S. Meisels, & J. Shonkoff (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 326-349). New York: Cambridge University Press.
- Freitas, M. J. (1995). Ainda em busca de um direito à cidadania: Situações de realojamento em análise. Lisboa: LNEC, 1-26 e 97-116.
- Gifford, R. (2007). *Environmental psychology: Principles and practice* (4th ed.). Colville, WA: Optimal Books.
- Glória, R. (no prelo). Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- Guerra, I. (1994). As pessoas não são coisas que se ponham em gavetas. *Sociedade e Território*, 20, 11-19.
- Guerra, I. (1997). Um olhar sociológico sobre o alojamento. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 24, 165-181.
- Heller, K, Swindle, R. W, & Dusenbury, L. (1986). Component social support processes: Comments and integration. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 54 (4), 466-470.
- Lakey, B. & Cassady, P. B. (1990). Cognitive processes in perceived social support. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59 (2), 337-343.
- Marante, L. (no prelo). Dissertação de Mestrado em Psicologia. Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa.
- McMillan, D.W., & Chavis, D.M. (1986). Sense of community: A definition and theory. *Journal of Community Psychology*, 14, 6-23.
- Moreira, J. & Canaipa, R. (2007). Escala de provisões sociais: Desenvolvimento e validação da versão portuguesa da “Social Provision Scale”. *Revista Iberoamericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*, 2, 24.
- Nasar, J. L. & Julian, D. A. (1995). The psychological sense of community in the neighborhood. *APA Journal*, 61 (2), 178-184.
- Obst, P. L. & White, K. M. (2007). Choosing to belong: The influence of choice on social identification and psychological sense of community. *Journal of Community Psychology*, 35 (1), 77-90.
- Pais-Ribeiro, J. (1999). *Investigação e avaliação em psicologia e saúde*. Lisboa: CLIMEPSI Editores.

- 
- Peterson, N. A., Speer, P. W. e McMillan, D. W. (2008). Validation of a brief sense of community scale: Confirmation of the principal theory of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 36, 61-73.
- Pinto, T. C. (1994). A apropriação do espaço em bairros sociais: O gosto pela minha casa e o desgosto pelo bairro. *Sociedade e Território*, 20, 36-43.
- Prezza, M. & Constantini, S. (1998). Sense of community and life satisfaction: Investigation in three different territorial contexts. *Journal of Community and Applied Social Psychology*, 8, 181-194.
- Prezza, M. & Pacilli, M. G. (2002). Perceived social support from significant others, family and friends and several socio-demographic characteristics. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 12, 422-429.
- Prezza, M., Pacilli, M. G., Barbaranelli, C. & Zampati, E. (2009). The MTSOCS: A multidimensional sense of community scale for local communities. *Journal of Community Psychology*, 37 (3), 305-326.
- Prochansky, H., Fabian, A., & Kaminoff, R. (1983). Place identity: physical world socialization of the self. *Journal of Environmental Psychology*, 3, 57-83.
- Sánchez-Vidal, A. (1991). *Psicología Comunitaria: Bases Conceptuales y Operativas – Métodos de Intervención*. Barcelona: PPU.
- Sarason, S.B. (1974). *The psychological sense of community: Prospects for a community psychology*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Sarason, I. G., Levine, H. M., Basham, R. B., & Sarason, B. R. (1983). Assessing social support: the social support questionnaire. *Journal of Personality and Social Psychology*, 44 (1), 127-139.
- Sarason, I. G., Sarason, B. R. & Shearin, E. N. (1986). Social support as an individual difference variable: its stability, origins, and relational aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50 (4), 845-855.
- Silva, I., Pais-Ribeiro, J., Cardoso, H., Ramos, H., Carvalhosa, S. F., Dias, S. & Gonçalves, A. (2003). Efeitos do apoio social na qualidade de vida, controlo metabólico e desenvolvimento de complicações crónicas em indivíduos com diabetes. *Psicologia, Saúde e Doenças*, 4 (1), 21-32.
- Tartaglia, S. (2006). A preliminary study for a new model of sense of community. *Journal of Community Psychology*, 34, 25-36.

- 
- Turner, R. J. (1992). Measuring social support: Issues of concept and method. In H. Veiel and U. Baumann (Eds.). *The Meaning and Measurement of Social Support* (pp. 217-233). New York: Hemisphere Publishers.
- Vaux, A. (1988). *Social Support: Theory, research and intervention*. New York: Praeger.
- Veiel, H., & Baumann, U. (1992). The many meanings of social support. In H. Veiel and U. Baumann (Eds.). *The Meaning and Measurement of Social Support* (pp. 1-9). New York: Hemisphere Publishers.
- Wills, T. A. & Shinar, O. (2000). Measuring perceived and received social support. In Cohen, S., Underwood, L.G. & Gottlieb, B. H. (Eds.). *Social support measurement and intervention: A guide for health and social scientists* (pp. 86-135). New York: Oxford University Press.
- Winemiller, D.R., Mitchell, M. E., Sutliff, J., & Cline, D.J. (1993). Measurement strategies in social support: A descriptive review of the literature. *Journal of Clinical Psychology*, 49 (5), 638-648.



**ANEXOS**

---

## ANEXO I

### Questionário

Solicitamos a sua colaboração para responder às questões que se seguem, salientando que **não existem respostas correctas ou erradas**, o que interessa é o que pensa e sente realmente. Todas as respostas são **anónimas**. É muito importante que leia atentamente e **responda individualmente a todas as questões de todos os grupos**. Deixar questões em branco inutiliza todos os questionários. Agradecemos a sua colaboração!

1. Idade: \_\_\_\_\_

2. Sexo: Feminino ☐ Masculino ☐

3. Nacionalidade: \_\_\_\_\_

4. Estado Civil: Solteiro ☐ União de Facto ☐ Casado ☐ Separado ☐ Divorciado ☐ Viúvo ☐

5. Indique o nível de escolaridade mais elevado que completou:

☐ Menos que o 4º ano

☐ 9º ano ou equivalente

☐ 4º ano

☐ 12º ano ou equivalente

☐ Mestr. / Dout.

☐ Menos que o 9º ano

☐ Ensino superior

6. O seu agregado familiar é constituído por quantos elementos? \_\_\_\_\_

7. Quantos filhos tem? \_\_\_\_\_

7.1. Se respondeu como tendo filhos, indique o **nº de filhos** que vivem consigo: \_\_\_\_\_

8. Indique o grupo onde se enquadra a sua profissão. Caso esteja desempregado ou dependa financeiramente de alguém assinale em baixo.

☐ Grupo 1 (Quadros Superiores de Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas).

☐ Grupo 2 (Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas).

☐ Grupo 3 (Técnicos e Profissionais de Nível Médio).

☐ Grupo 4 (Pessoal Administrativo e Similares).

☐ Grupo 5 (Pessoal dos Serviços e Vendedores).

☐ Grupo 6 (Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pesca).

☐ Grupo 7 (Operários, Artífices e Trabalhadores Similares).

☐ Grupo 8 (Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem).

☐ Grupo 9 (Trabalhadores Não Qualificados).

☐ Desempregado

☐ Doméstica

☐ Estudante

9. Em que bairro e freguesia reside? \_\_\_\_\_

9.1. Sempre residiu no bairro onde vive actualmente? Sim ☐ Não ☐

9.1.1. Se respondeu não, há quanto tempo reside? \_\_\_\_\_

9.1.2. Onde residia anteriormente? \_\_\_\_\_

9.2. Trabalha/estuda no bairro onde reside? Sim ☐ Não ☐

10. Em que actividades participa no seu bairro?

☐ Voluntariado

☐ Actividades Desportivas

☐ Escuteiros

☐ Actividades relacionadas com a sua religião

☐ Actividades de lazer

☐ Actividades Comunitárias

☐ Outra(s). Qual (ais)? \_\_\_\_\_

☐ Nenhuma

***O BAIRRO ONDE VIVE HOJE EM DIA...***

**EBSC – Escala Breve de Sentido de Comunidade**

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense no bairro onde vive actualmente. Usando a escala apresentada em baixo, assinale com um X o número que, em cada item, indica o grau de concordância relativamente à sua actual relação com o seu bairro, excluindo as pessoas que vivem consigo. Por exemplo, se concordasse fortemente com o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se discordasse, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

	<u>Discordo</u> <u>Fortemente</u>	<u>Discordo</u>	<u>Concordo</u>	<u>Concordo</u> <u>Fortemente</u>
1. Consigo obter o que necessito neste bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
2. Este bairro ajuda-me a satisfazer as minhas necessidades.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
3. Sinto-me como um membro deste bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
4. Eu pertenço a este bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
5. Se quiser posso colaborar com o que se passa neste meu bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
6. As pessoas deste bairro influenciam-se umas às outras.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
7. Sinto-me ligado(a) a este bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
8. Tenho bons laços com outros neste bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4

### ANEXO III. a

#### EPS – Escala de Provisões Sociais

Ao responder ao próximo conjunto de questões, pense nas suas actuais relações com as pessoas do seu bairro. Usando a escala apresentada em baixo, assinale com um X o número que em cada item, indica o grau de concordância relativamente à sua relação actual com essas pessoas, excluindo as pessoas que vivem consigo. Por exemplo, se concordasse fortemente com o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se discordasse, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

	<u>Discordo</u> <u>Fortemente</u>	<u>Discordo</u>	<u>Concordo</u>	<u>Concordo</u> <u>Fortemente</u>
1. Há pessoas com as quais posso contar para me ajudarem se eu necessitar realmente.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
2. Sinto que não tenho relações próximas com outras pessoas.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
3. Não há ninguém a quem eu possa recorrer para me aconselhar em alturas de stress.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
4. Há pessoas que contam comigo caso precisem de ajuda.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
5. Há pessoas que apreciam as mesmas actividades sociais que eu.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
6. As outras pessoas não me vêem como competente.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
7. Sinto-me pessoalmente responsável pelo bem-estar de outra pessoa.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
8. Sinto-me parte de um grupo de pessoas que partilham as minhas atitudes e crenças.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
9. Penso que as outras pessoas não respeitam as minhas competências e capacidades.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
10. Se alguma coisa corresse mal, ninguém me ajudaria.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
11. Tenho relações próximas que me dão um sentimento de segurança emocional e de bem-estar.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
12. Há alguém com quem eu poderia falar acerca de importantes decisões na minha vida.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
13. Tenho relações nas quais a minha competência e habilidade são reconhecidas.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
14. Não há ninguém que partilhe os meus interesses e preocupações.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
15. Não há ninguém que realmente conte comigo para o seu bem-estar.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4

	<u>Discordo</u> <u>Fortemente</u>	<u>Discordo</u>	<u>Concordo</u>	<u>Concordo</u> <u>Fortemente</u>
16. Há uma pessoa digna de confiança a quem eu poderia recorrer para me aconselhar se estivesse a ter problemas.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
17. Sinto uma forte ligação emocional com pelo menos uma outra pessoa.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
18. Não há ninguém com quem eu possa contar para me ajudar se eu necessitar realmente.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
19. Não há ninguém com quem eu me sinta confortável a falar acerca dos meus problemas.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
20. Há pessoas que admiram os meus talentos e capacidades.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
21. Sinto falta de um sentimento de intimidade com outra pessoa.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
22. Não há ninguém que goste de fazer as coisas que eu faço.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
23. Há pessoas com quem eu posso contar numa emergência.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
24. Ninguém tem necessidade de que eu me preocupe com ele/ela.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4

## ANEXO II. b

---

### O BAIRRO ONDE VIVIA ANTIGAMENTE...

#### EBSC – Escala Breve de Sentido de Comunidade

Ao responder ao seguinte conjunto de questões, pense no bairro onde vivia anteriormente (antes do realojamento). Usando a escala apresentada em baixo, assinale um número junto a cada item, que indique o grau em que concorda que o item descreve a sua anterior relação com o seu bairro antigo. Por exemplo, se concordasse fortemente com o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se discordasse, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

	<u>Discordo</u> <u>Fortemente</u>	<u>Discordo</u>	<u>Concordo</u>	<u>Concordo</u> <u>Fortemente</u>
9. Conseguia obter o que necessitava do antigo bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
10. O antigo bairro ajudava-me a satisfazer as minhas necessidades.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
11. Sentia-me como um membro do antigo bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
12. Eu pertencia ao antigo bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
13. Se quisesse podia colaborar com o que se passava no meu bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
14. As pessoas do antigo bairro influenciavam-se umas às outras.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
15. Sentia-me ligado(a) ao antigo bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
16. Tinha bons laços com outros no antigo bairro.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4

## ANEXO III. b

### EPS – Escala de Provisões Sociais

Ao responder ao próximo conjunto de questões, pense nas suas relações passadas (ou seja, as relações que tinha antes do realojamento) com as pessoas do seu bairro antigo. Usando a escala apresentada em baixo, assinale um número junto a cada item, que indique o grau em que concorda que o item descreve a sua relação passada com essas pessoas, excluindo as pessoas que viviam consigo. Por exemplo, se concordasse fortemente com o item 1, assinalaria o quadrado junto do número 4 à direita deste item. Se discordasse, assinalaria o número 2, e assim sucessivamente.

	<u>Discordo</u> <u>Fortemente</u>	<u>Discordo</u>	<u>Concordo</u>	<u>Concordo</u> <u>Fortemente</u>
2. Havia pessoas com as quais podia contar para me ajudarem se eu necessitasse realmente.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
3. Sentia que não tinha relações próximas com outras pessoas.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
4. Não havia ninguém a quem eu pudesse recorrer para me aconselhar em alturas de stress.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
5. Havia pessoas que contavam comigo caso precisassem de ajuda.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
6. Havia pessoas que apreciavam as mesmas actividades sociais que eu.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
7. As outras pessoas não me viam como competente.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
8. Sentia-me pessoalmente responsável pelo bem-estar de outra pessoa.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
9. Sentia-me parte de um grupo de pessoas que partilhavam as minhas atitudes e crenças.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
10. Penso que as outras pessoas não respeitavam as minhas competências e capacidades.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
11. Se alguma coisa corresse mal, ninguém me ajudava.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
12. Tinha relações próximas que me dava um sentimento de segurança emocional e de bem-estar.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
13. Havia alguém com quem eu podia falar acerca de importantes decisões na minha vida.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
14. Tinha relações nas quais a minha competência e habilidade eram reconhecidas.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
15. Não havia ninguém que partilhasse os meus interesses e preocupações.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4

	<u>Discordo</u> <u>Fortemente</u>	<u>Discordo</u>	<u>Concordo</u>	<u>Concordo</u> <u>Fortemente</u>
16. Não havia ninguém que realmente contasse comigo para o seu bem-estar.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
17. Havia uma pessoa digna de confiança a quem eu podia recorrer para me aconselhar se estivesse a ter problemas.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
18. Sentia uma forte ligação emocional com pelo menos uma outra pessoa.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
19. Não havia ninguém com quem eu pudesse contar para me ajudar se eu necessitasse realmente.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
20. Não havia ninguém com quem eu me sentisse confortável a falar acerca dos meus problemas.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
21. Havia pessoas que admiravam os meus talentos e capacidades.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
22. Sentia falta de um sentimento de intimidade com outra pessoa.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
23. Não havia ninguém que gostasse de fazer as coisas que eu fazia.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
24. Havia pessoas com quem eu podia contar numa emergência.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4
25. Ninguém tinha necessidade de que eu me preocupasse com ele/ela.	<input type="checkbox"/> 1	<input type="checkbox"/> 2	<input type="checkbox"/> 3	<input type="checkbox"/> 4

**Por favor, certifique-se de que respondeu a todas as questões.**

**Obrigado pela sua colaboração!**